ANNO XXV — Nº 50
Rio, 12 de Dezembro de 1931
PREÇO: 1$000

Rapidez
"Rapidez": velocidade, promptidão, effeito immediato.
RAPIDO como o vôo das aguias mecanicas que cortam os ares com velocidade inexcedivel, assim é o effeito da
CAFIASPIRINA
o producto de confiança
no allivio immediato que proporciona a todas as dôres: de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., tendo a vantagem de produzir um bem estar geral e a virtude caracteristica de ser absolutamente inoffensiva.
Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, enveloppes de 2 e discos de um comprimido.
CAFIASPIRINA
Marca registrada
BAYER

O CONTO BRASILEIRO

PREVISÃO — De José Maria Senna

IMAGINE, caro leitor, uma garota de dezeseis annos, morena, de olhos castanhos, bocca breve e carnuda, corpo esbelto, e linda como...

Não me occorre a imagem comparativa. Veja você si a descobre. Só lhe adeanta que Eunice era uma pequena do outro mundo... Dahi talvez... Não precipitemos os acontecimentos.

Prometto um doce ao leitor que se não commover lendo o que se segue. A historia de Eunice. Não inventada, segundo parecerá. Mas apanhada dentro da vida. Real.

I

— Você, Iracy, poderá sahir agora commigo? — perguntou Eunice, ao entrar no escriptorio em que a prima trabalhava.

— Agora não posso, Eunice — respondeu Iracy.

Eunice tornou:

— E' pena! Queria tanto que você me acompanhasse ao cemiterio.

— Ao cemiterio!?

— Sim. Desejava mostrar-lhe o local onde me devem enterrar quando eu morrer, o que será breve. Vi tantas flôres na rua...

Iracy disse, rindo:

— Si você faz questão, iremos domingo.

— Combinado!

E Eunice retirou-se.

II

Domingo.

Iracy longe estava de suppôr que Eunice se lembrasse do passeio combinado. Julgou, é claro, que se tratava de uma brincadeira. Não era. Eunice appareceu. Vinha buscal-a para a visita ao cemiterio. Iracy recusou-se. Ella insistiu. A outra teve que ceder. Foram.

Na cidade dos mortos, deram muitas voltas. A's subitas, Eunice parou. Disse:

— E' aqui!... E' aqui que o meu corpo repousará... Tome nota, Iracy... E escute: Você me cobrirá o corpo de petalas de rosas... Muitas! Rosas sómente. Nenhuma lagrima, ouviu?

E Iracy, rindo:

— Sim, Eunice. Farei tudo conforme seus desejos.

IV

Dias depois, Eunice encontrava-se em casa de Iracy, jogando ping-pong com os primos, quando sentiu forte dôr de cabeça.

Perguntou aos rapazes:

— Qual de vocês quer levar-me para casa?

A mãe dos moços interveiu:

— E' muito tarde, menina! Dorme aqui.

Eunice teimou:

— Não. Vou para casa.

Nada a demoveu do proposito. Partiu, acompanhada de um dos primos.

No outro dia, Iracy recebeu um telephonema, avisando-a de que Eunice estava mál.

Iracy e irmãos foram vel-a. Encontraram-n'a sentada na cama, lendo, calmamente, uma revista.

Iracy exclamou:

— Uê!... Foi uma "blague" o telephonema?

— Não. Tive um accesso. Agora estou bôa... Tanto que vou côar um café para vocês.

Saltou do leito. Iracy e os rapazes protestaram. Eunice não os attendeu. Dirigiu-se para a cozinha. Quando tornou, trazia o café. Serviu-o aos primos. Depois, postou-se em frente do espelho e disse, rindo:

— E' uma lastima, não é!?... Uma morena tão bonita como eu sou, morrer tão criança...

Iracy protestou:

— Deixe de tolices, Eunice!

Ella riu-se, e falou:

— Vou morrer sim! Faz pena, mas é... Deixarei este mundo quinta-feira, ás dez e meia da manhã.

Mirando-se no espelho:

— Com franqueza: sou mesmo muito engraçadinha, pois não?... Olá, doutor! — exclamou, voltando-se para o medico da familia, que acabára de entrar.

— Como passa, Eunice?

— Bem.

— Sabe que acho conveniente transferil-a para o meu Sanatorio?

— Si quizer, irei. Mas, creia-me, doutor! — tanto faz aqui em casa como no sanatorio... Morrerei na mesma...

— Não diga asneira, menina! — retorquiu o medico.

— Vocês verão quinta-feira ás dez e meia da manhã.

V

Chegou a quinta-feira annunciada por Eunice.

Esta acabára de despertar. Bocejou. Espreguiçou-se. Depois interrogou a tia, que lhe servia de enfermeira.

— Minha tia, quantas horas?

— Sete e meia, Eunice.

— Restam-me, pois, tres horas de vida. Você está chorando, tia? Que tolice!... Eu é que vou morrer e, no emtanto, estou sorrindo, alegre... Chame o pessoal para a despedida. A tia abriu a porta do quarto. Sahiu. Voltou, momentos depois, com os primos de Eunice, a qual, vendo-os, exclamou:

— Allô, Edé! Vou te deixar. Fomos tão amiguinhos... Juntos brincámos tanto... Que bom que era, hein, Edé!... Choras? Vá-e embóra, váe! Não quero lagrimas.

Beijou Edé, que mal continha os soluços. Beijou, em seguida, os outros primos.

Iracy approximou-se. Abraçou-se a Eunice, em pranto. Eunice tambem chorava. De repente, protestou:

— Vamos, Iracy! Não te disse que não queria lagrimas? Não te esqueças! E lembra-te: dormirei no local que te mostrei, tu cobrirás o meu corpo de petalas de rosa... Só rosas! Lagrimas, não! Olha: escolhe umas rosas bem bonitas, sim, Iracy? Vamos, sorri!

Iracy, n'um esforço esboçou um sorriso e beijou a prima.

Eunice pediu:

— Escuta, Iracy: Dá lembranças ao Paulo, á Maria...

E Eunice foi desfiando os nomes dos conhecidos todos. Recordou-se até de velhos escravos de seus avós, que haviam ficado lá na sua terra natal.

Quando acabou de se despedir dos parentes, Eunice perguntou:

— Quantas horas?

— Nove.

— Preciso confessar-me. Chamem o padre Astolpho.

O religioso veiu. E longamente conversou com Eunice. Ao deixal-a, trazia lagrimas nos olhos.

Eunice, então, reclamou a presença dos paes. Despediu-se, entre palavras ternas, da mãe e do pae, que soluçavam abraçados á filha, como duas crianças.

Implorou Eunice:

— Vocês me perdôem, meus paes, as vezes que os fiz soffrerem. Commetti muitas faltas. Sei. Perdôem-me. Mãe por que chora?... A vida da senhora, a vida de vocês todos é tão bôa... A dôr não é como vocês a imaginam. Não. Dôr é a que sinto... Angustioso é o momento pelo qual estou passando. Tão joven... No emtanto, eu não choro. Ao contrario, sorrio...

Quantas horas?

Alguem informou:

— Dez e quinze.

— Só me restam quinze minutos. Como vôa o tempo! Só quinze minutos... Que bôa que é a vida!... E vou deixal-a... Dentro em breve... Muito breve...

Fez uma pausa longa, e tornou:

— Aproxima-se o momento. Nada de lagrimas, pessoal... Só quero petalas de rosas!...

Eunice começou, então, a cantar uma aria.

Cantava...

No relogio da sala de jantar, soou uma pancada, annunciando meia hora depois das dez.

Os presentes sustiveram as respirações. Liase-lhes nos olhares, fitos em Eunice, angustiosa espectativa.

Neste instante, Eunice chegára a gargalhada que finalizava a aria cantada. Elevou-se no ambiente suspenso o riso claro de Eunice.

Ella ainda ria quando a alma se lhe escapou pela bocca entreaberta e a cabeça, pendeu...

O AMOR E A MULHER

Linda e graciosa, dentro do seu elegante agazalho, que lhe desenhava as fórmas cheias e esbeltas, o rosto bonito acariciado pela pelle escura, os cabellos castanhos, curtos, emergindo, timidamente, de seu pequeno chapéo de velludo negro, Renée Saunier desceu do taxi e pagou ao *chauffeur*. Por um hábito de prudencia lançou um olhar á direita e á esquerda da rua, deserta como de costume. A rua era discreta, como discreta era a casa de chá onde entrou a joven.

Cumprimentada pela mulher da caixa, ella atravessou a primeira sala, onde casaes de namorados trocavam juras de amôr, semi-occultos em uma suave penumbra. Ninguem reparou em sua chegada. Entrou na segunda sala, então deserta... Raúl ainda não havia chegado... Pobre rapaz! Sua sorte ia ser decidida naquelle momento... Pensava nelle com muita ternura... Elle era doce, submisso, carinhoso, e isso contrastava com a energia de seu aspecto physico e com a energia que devia gastar no exercicio de sua profissão... Verdadeiramente, gostava de Renée, cujo unico defeito era se ter casado com um homem rico e muito mais idoso do que ella.

Pediu chá, depois de installar-se em um recanto isolado que occupava habitualmente com Raúl quando se combinavam para vêr-se longe da gente indiscreta. Olhou o relogio: cinco horas. Raúl estava atrazado, mas a culpa não era sua... Pobre rapaz! De repente, outra preoccupação prevaleceu no espirito de Renée — uma preoccupação mais fórte, mais absoluta, mais dominadora, que a fez cahir, com a bocca apertada e a

---

(A scena representa a casa de um velho "boxeur").

O TRUC DE UM

O velho "boxeur". — Quereis que vos conte o facto mais extraordinario de minha brilhante carreira? Escutae.

O côro de amigos. — Escutemos o velho "boxeur"!

O velho "boxeur". — O que vou contar-vos occorreu no começo de minha carreira. Depois de triumphar successivamente nas categorias de peso-penna, peso-gallo, peso-ligeiro e meio peso, acabava de ganhar meus primeiros combates como peso-pesado, quando fui convidado a tomar parte em um grande *match* de campeonato.

"Meu adversario era um homenzinho de apparencia fragil e menor do que um jockey. Na vespera do *match*, quando mo apresentaram, suppuz que se tratava de uma pilheria. Mas os organizadores do encontro garantiram-me formalmente que se tratava de um *boxeur* formidavel, de tão extraordinaria habilidade, que havia vencido os peso-pesados de maior reputação no paiz. "Veremos amanhã" — respondi-lhes eu, encolhendo os hombros para significar todo o desprezo que me causava a ridicula apparencia do meu futuro adversario. "Ao primeiro murro — pensava — mandarei esse idiota ao tecto da sala".

"Chegou o dia do encontro, e a enchente foi formidavel. Resolvi terminar rapidamente o primeiro *round*, pois me sentia ridiculo deante daquelle inimigo insignificante, e vibrei-lhe um directo, com todas as minhas forças, em plena bocca do estomago. Meu adversario não poude aparar aquelle golpe, e cambaleou durante uns segundos. Mas, sem perder sua serenidade e seu sorriso ironico, me desconcertou. O infeliz se atreveu a atacar-me por sua vez. Mas eu, facilmente, aparei seu ataque, e lhe appliquei um segundo golpe soberbo no estomago. Meu adversario continuou sorrindo, e eu senti minha mão dolorida. Apesar disso, lhe mandei, em dois segundos, tres novos directos em pleno ventre, mas resultados apreciaveis. O outro continuava sorrindo, sem se alterar, sem se commover, com impassibilidade absoluta.

"No segundo *round*, resolvi mudar de tactica. Colloquei-lhe, magistralmente, uma série de formidaveis murros na mandibula. Mas, dessa vez, elle se pôz a rir ás gargalhadas. Eu começava a desesperar-me. No terceiro, no quarto, no quinto e no sexto *rounds*, apesar de meus constantes directos e *crochets* violentos, emocionantes, meu inimigo permanecia impassivel. Eu estava realmente esgottado, exhausto de dar-lhe golpes. No setimo *round*, fiz um esforço

De Frederico Boutet

testa franzida, em profundas reflexões.

"Sim... sim — pensou, afinal. — E' indispensavel... Eu estava, positivamente, louca..."

Com ar decidido, levantou os olhos para chamar a empregada e pedir papel para escrever, quando seu amigo entrou. Era um rapaz alto, moreno, forte, completamente barbeado e com olhos claros. Entrou bruscamente, atirou o chapéo sobre uma cadeira e deixou-se cahir perto da joven, no sofá.

— Tenho que partir, Renée — disse, com voz rouca, entrecortada. — Tenho que partir depois de amanhã, sexta-feira. Está resolvido. Vou para a Indochina. Fui designado para lá. E nada posso fazer. Tenho que partir! Minha querida, meu amor, não te verei mais... E' horrivel!... Oh, Renée, Renée!...

Segurava as mãos da joven e as apertava nervosamente. Subito, seu semblante mudou, e elle rompeu em lagrimas. Chorava como choram os meninos, com grandes soluços ruidosos, que continha da melhor maneira possivel, com lagrimas abundantes, que lhe rolavam livres nas faces tostadas pelo sol.

— Vamos, querido, vamos — dizia Renée, emocionada por aquella dôr, que, apesar de tudo, achava extemporanea. — Vamos, querido, acalma-te...

Passára-lhe o braço em torno do pescoço, mas, de repente, o tirou, por causa de um casal de namorados que entrou e foi occupar uma mesa vizinha, muito occupados, aliás, comsigo mesmos, para vêr o que occorria alli.

— Partirei depois de amanhã —

(*Continúa nas pags.* 6 e 7)

"BOXEUR"

supremo e vibrei em meu adversario um quadruplo crochet de esquerda, seguido immediatamente de um triplo *uppercut* na base da mandibula. Meu impassivel adversario foi elevado do solo por meus punhos cerca de um par de metros. Mas no mesmo instante tornou a pôr os pés sobre o tapete, fleugmatico, indifferente, sorrindo com aquelle sorriso que gelava o sangue. Ao mesmo tempo, eu lançava no ar um agudo grito. Tinha arrebentado os punhos contra aquella maldita mandibula! Extendi-me no rinck, retorcendo-me de dôr, e então aquelle homem se atirou sobre mim, que já estava indefenso, e esmurrou-me á vontade, desesperadamente, até que eu perdi os sentidos... O juiz contou, impassivel, os dez segundos regulamentares, e o typo foi, solennemente, proclamado vencedor por entre o enthusiasmo geral e os applausos ensurdecedores da multidão".

O côro de ouvintes. — Mas, então, o *boxeur* de vossa historia era o diabo em pessôa?

O velho "boxeur". — Não! Era o mais cynico dos sêres humanos; o maior canalha que ainda tenha deshonrado o *rink*. Algum tempo depois, se descobriu o estratagema que dava a victoria, em todos os encontros, áquelle miseravel. Um dia, teve elle uma discussão, na estrada, com um operario. O *boxeur* acabou vibrando uma bofetada no outro, e o operario, para defender-se, lhe bateu na cabeça com uma marreta de quebrar pedra. Deante da estupefacção das testemunhas dessa scena, um pedaço de mandibula do *boxeur* rodou pelo solo com um ruido de pedra que se desprendia. Apanharam aquelle pedaço da mandibula, e verificaram que era um pedaço de pedra. A que se poderia attribuir aquelle estranho e surprehendente phenomeno?

"O canalha acabou confessando que, originario de um logarejo conhecido por seu famoso manancial de agua petrificante, tivéra a idéa de petrificar as proprias mandibulas e os musculos que lhe cobriam o estomago com a agua daquelle maravilhoso manancial... Graças a esse desleal estratagema, se tornára invulneravel, e acabaria sendo campeão mundial de *box*, si a marreta reveladora do operario da estrada não houvesse descoberto o truc de seus triumphos de pugilista. O grande farçante morreu pouco depois, victima de sua funesta, petrifica invenção. Um dia, em que passeava em um barco, pelo rio, foi a pique, arrastado pelo peso de sua mandibula e de seu estomago petrificados. O desgraçado morreu afogado...

CAMI

O AMOR E A MULHER (CONTINUAÇÃO)

continuava Raúl, sempre chorando, mas agora de um modo mais reservado. — Renée, não posso supportar a idéa de não mais te vêr... Vem commigo, eu te rogo! Abandona tudo e vem commigo... Eu te amo tanto!... Seremos tão felizes!...

Ella teve um sobresalto de espanto, quasi de indignação.

— Estás louco!... Isso não é possivel! Bem o sabes, querido.

Sim, elle o sabia. Por que, então, havia pedido aquillo? Para ouvir um não? Não insistiu, mas recomeçou suas lamentações.

— E' horrivel!... Renée, meu amor, minha bem amada, não verte mais!... Meu Deus! E é depois de amanhã.

Chorava mais forte.

— Vamos, querido, acalma-te — disse ella, de novo.

Furtivamente, com a mão, ella lhe acariciava a face. Experimentava uma tristeza exterior vendo-o soffrer... e a sentia mais do que havia pensado... Suas relações tinham já dois annos. Ella já se sentia um pouco fatigada, sem tél-o, entretanto, demonstrado. Elle partia. Era o final obrigatorio, e essa partida impedia o cansaço definitivo... Estava bem. Para ella, elle já era o passado...

Entretanto, continuavam as lamentações de Raúl. Que seria delia, não vendo-a mais? Era impossivel! Não podia supportar isso! Viver longe della, longe de seus olhos, de seus labios, de seu amôr...

De repente, elle julgou perceber que Renée não o escutava.

Ella olhava com attenção a elegante joven que occupava a mesa vizinha.

— Minha querida, que ha? — perguntou Raúl. — Suppões que esse casal nos observa? Asseguro-te que não.

— Bem o sei — respondeu ella, impacientada. — E' outra coisa.

E continuava, como absorta em um pensamento profundo, olhando attentamente a joven, emquanto Raúl voltava as suas lamentações obstinadas.

— Como viver longe de ti, meu amôr? Eu te amo tanto! E vou partir depois de amanhã... sexta-feira... Mas amanhã ainda te verei, não é verdade?

— Bem sabes que amanhã é meu dia... Vem um momento, si quizeres, mas sabes que sou obrigada a ficar em casa.

— Então, irei. Mas tu, depois de amanhã, meu amôr, irás á estação dizer-me adeus. Irás?

Ella olhou-o no rosto, sem vacillar, e respondeu:

— Depois de amanhã é impossivel, absolutamente impossivel.

— Por que? Vamos, Renée, eu vou partir e tu não me dirás...

— Não, é impossivel. Não posso.

Ella articulou essas palavras com a solennidade de uma declaração. E ante o ar de espanto ingenuo de seu amigo, ajuntou, mais docemente:

— Querido, eu te asseguro que me é impossivel. Sinto muito, mas, depois de amanhã, sexta-feira, me é impossivel estar livre...

— Vamos, Renée, eu te rogo... Não me pódes negar isso... Vem, querida, vem dizer-me adeus na estação...

Ella tomou-lhe a mão.

— Não insistas, Raúl. Fazes-me soffrer. Si eu pudesse ir, iria...

Deram seis horas. O rapaz levantou bruscamente.

— Meu Deus! Preciso ir visitar meu director. Vou atrazado. Queres sahir commigo, querida?

— Não. Seria uma imprudencia. Podem ver-nos. Sae tú, primeiro.

— Então, até amanhã, em tua casa...

— Sim.

— Mas não estarás só. Poderei apenas falar-te. Renée, vae sexta-feira pela manhã á estação, eu te supplico...

— Mas eu não posso de maneira alguma, querido. Juro-te que não posso. Comprehende-o...

Elle beijou-a com desespero e sahiu.

Ao ficar só, a moça chamou a empregada, pediu papel para escrever e começou rapidamente uma carta. Reflectia, encontrava uma phrase, recompunha outra que julgava pouco clara... Apanhou outra folha, copiou sua carta, metteu-a no envelope, escreveu o endereço e pediu um sêllo. Verificou, então, que era tarde, que tinha de jantar no centro e ainda mudar de roupa. E sahindo apressada, esqueceu na mesa, debaixo do bloco de papel a copia da carta recentemente escripta.

Cinco minutos depois, Raúl reappareceu, suffocado. No meio do caminho, sentira uma ardente necessidade de tornar a vêr Renée, que suppunha ainda na casa de chá.

— Madame acaba de sahir — disse-lhe a empregada. — Escreveu uma carta e sahiu. Aqui está o bloco de papel que usou.

"Meu Deus! — pensou Raúl, cheio de alegria e de amôr. — Tenho certeza de que me escreveu a mim."

Sentou-se no mesmo logar, pediu um calice de vinho do Porto e levantou o bloco. Reconheceu a letra de sua amiga. Com o coração offegante, leu:

"Estimada senhora Maingot: ..

"Decididamente, sim. Acabo de vêr em uma elegante mulher o effeito que causam os decotes. Dá um chic extraordinario. E tome nota: para meu vestido côr de perola, mudei de opinião: faça-o com o decote das costas bem baixo e com uma cintura simples. Não se esqueça de que preciso delle para domingo. Irei, como me recommendou, proval-o sexta-feira ás onze da manhã. Creio que não me fará esperar em vão..."

Raúl, com ar estupido, continuava relendo a carta. Então, era aquillo que preoccupava Renée... era aquillo que lhe impedira de dizer-lhe adeus?!... O vestido côr de perola... o decote baixo... a cintura simples... Imaginava-a assim, entre os homens, um dos quaes lhe succederia em seu amôr... Um intenso desespero, um ciume tremendo o fizeram empallidecer... E, depois, repentinamente, a situação lhe pareceu comica. Pensou nas lagrimas que, sem pejo, havia derramado... E então sentiu vergonha. Pensou que, um quarto de hora antes, quasi se resolveu a não partir para ficar junto daquella mulher, a mudar sua vida por causa daquelle amôr. Póz-se a rir, docemente, silenciosamente. Tomou a penna, que havia ficado sobre a mesa, e, na parte inferior da folha escripta pela mulher que nunca mais havia de vêr, escreveu:

"Não vás chegar tarde á casa de madame Maingot..."

Assignou e pôz a folha em um envelope, onde escreveu o endereço de Renée e entregou á empregada para que o puzesse no correio.

Em seguida, accendeu um cigarro e bebeu seu vinho do Porto, com muita satisfação.

"Que sorte tive eu em me lembrar de voltar aqui!" — pensou.

E Raúl partirá depois de amanhã, para a Indochina, liberto para sempre de todo soffrimento de amôr.

A PRIMEIRA DERROTA

É bem moderno e bastante conhecido o ambiente da narrativa que ora se inicia. Uma secretária de carvalho, envernizada de marron, e repleta de catalogos coloridos de marcas de automoveis de turismo e sport; um pequeno divan forrado de cretonne de côres variegadas, commodo e largo, e onde uma almofada de sêda turca guardava mysteriosamente o perfume de uns loiros cabellos de mulher que a tivessem acariciado. Algumas cadeiras de estylo inglez, severas, rigidas, contrastavam com aquelle scenario alegre e seductor. Silenciosa, dormia uma machina de escrever em sua mesinha envernizada, talvez viuva de femininas caricias, por sob uma cobertura de oleado; na parede, um espelho, e, ao lado, uma folhinha ostentando uma mimosa reproducção, em aza de borboleta, da "Maja Desnuda" de Goya, e onde o mez de março, agonizante, exhalava o ultimo suspiro, entre um florido sabbado de Alleluia, e um nublado e triste domingo de Paschoa...

Neste scenario ataviado de escriptorio chic de arranha-céu da Avenida movia-se, á vontade, o consummado actor que era Mendes Moreno. Alli installára elle o seu florescente negocio de commissões e consignações, depois de ter levado á fallencia um modesto negociante de carimbos que nelle se fiára. A sorte e audacia que o cercavam, de mãos dadas, davam ao seu ramo de commercio um impulso quasi que inacreditavel, fornecendo-lhe meios para viver á larga, satisfazendo amplamente ás multiplas exigencias de sua perdularia vida de solteiro.

Por um triz Mendes Moreno não fôra padre. Estivéra prestes a tomar ordens quando estallou em São Paulo o movimento revolucionario de 1922. Então, como que recebendo, com o ardor da metralha, a verdadeira inspiração de sua directriz na vida, em vez da coróa, deixou crescer reluzente cabello, abandonou a calma cidade paulista que lhe déra o berço e entregou-se de corpo e alma á vida emocionante e hypocrita do Rio. Trazia apenas comsigo alguma roupa de uso e uma epistola de recommendação para um negociante qualquer, vasada no estylo commum que acompanha os recem-chegados ao ambiente dynamico desta grande aldeia. E empregou-se em uma firma qualquer como simples caixeiro.

Mas recebêra, por herança, uma intelligencia invulgar, alliada, perigosamente, a sorte e audacia raras, e com estes requisitos no cerebro, enfrentou a vida. Era um materialista. Conhecia apenas, de prazer espiritual, o seu profundo amôr aos classicos gregos e latinos, para onde transportava o espirito, nas suas noites de insomnia, quando se encerrava na sua cella triste e sombria de seminarista, tão negra como a batina que elle pretendia tomar como aspirante a ministro do Senhor, e assim, quando os seus annos murchavam com sêde de viver, a fortuna beijou-o acaloradamente, com ciumes de amante zelosa, e apontou-lhe carinhosamente um caminho atapetado de jasmins e rosas que só a raros é dado trilhar.

E Mendes Moreno começou a "viver". A praça, como que suggestionada pelos seus modos habeis de conductor de homens, abria-lhe credito á larga, dando-lhe azo a um ou outro negocio de grande envergadura, descortinando-lhe em toda sua plenitude o mundo côr de rosa dos grandes emprehendimentos. O amôr, pobresinho, sorria-lhe indulgente, por intermedio dos cálidos braços de uma rapariga argentina, Amparito, filha da dona da pensão onde elle morava, por commodidade, pois tinha cama, mesa, roupa lavada e amôr, gratuitamente, apenas em troca de sorrisos e outros preços que não posso desvelar. Tinha Amparito vinte annos fresquissimos, como uma pomba, e ardentes como uma papoula. Chegára a estar noiva, na Argentina, de garboso tenente de artilharia que um dia partira para a guerra e não mais voltára. Como preito de saudade, Amparito, até o dia em que conheceu Mendes Moreno, lamentou a sua viuvez precoce e recortou o retrato do noivo de um numero de certa revista, de Buenos Aires, onde elle apparecia entre os heróes...

Foi quando lhe entrou pela vida a dentro a figura insinuante de Mendes Moreno, precedida de bôas recommendações, como sendo pessôa de posses... e de hygiene. E em breve o perdulario conquistou a vaporosa argentinista com caricias no corredor, beijos furtivos, presentinhos, cinemas, theatros... E tão amoroso se mostrou o bohemio nas attenções de que cercava a moçoila, que chegou mesmo a dar-lhe de presente mimoso e encantador garoto, em carne e osso, e com que elle solidificou, dahi para deante, a cama, mesa e roupa lavada...

Como Amparito era um tanto romantica, houve tambem uma força, que aqui descubro, que for-

DESLUMBRAMENTO

Sonho! Illusão! Desejo! Encantamento!
Olhar de cima a terra erma e sombria,
Ouvir, do espaço, o Mar, na vóz do vento,
Rezando os responsos do fim do dia...

Sequioso de luz meu pensamento
Rumou ás nuvens — louca phantasia!
E maior fôra o meu deslumbramento
A' medida que o espaço elle ascendia.

E' que a terra do alto contemplada
Ao momento em que o sol desapparece
E o dia morre entre paizagens bellas,

Do mysterio das trevas despertada
Canta, e sorri, e vibra, e resplandece
Sob o clarão das rutilas estrellas!...

CAVALCANTI E SILVA

POR LAURO MENDES

teceu a parte sonhadora do romance. Foram meia ou uma duzia de sonetos ardentes surripiados torpemente da gaveta da mesinha de cabeceira de um pobre poeta, melancolico e doente. Chamava-se Lovelace, e era nortista, com um modesto emprego de 4.º escripturario dos Correios. Subira áquelle emprego eterno ao collo acariciador das Musas, por intermedio de influente politico, que lhe admirava grandemente o versejar facil. No entretanto, apesar de fritar os miolos para produzir um soneto, que Mendes Moreno roubava vergonhosamente, a serviço do amôr, isto não impedia que o poeta fosse considerado de "talento".

Um dia, os collegas surprehenderam-no a fazer um officio em verso ao director geral dos correios. Uma gentil dactylographa, por quem Lovelace estava loucamente apaixonado, e que, amavelmente lhe passava os versos á machina, pediu-lhe "aquillo" emprestado para lêr, e "aquillo" foi passando de mão em mão, até chegar ás mãos do ministro, por intermedio do director geral. O ministro, por curiosidade, mandou uma copia para o embaixador Epitacio Pessôa, em Versailles, e este mostrou ao ministro Briand, que o passou ás mãos de Lloyd George, que, muito interessado, mandou tirar uma copia para a Bibliotheca de Londres. E, assim, teve Lovelace a consagração do seu talento...

O que, no emtanto, o desventurado Lovelace ignorava, era que os seus versos eram apaixonadamente murmurados em surdina por uns deliciosos labios de mulher, a quem Mendes Moreno recitava, como sendo seus, babadinho de gozo com a admiração que lhe dispensava o espirito culto de Amparito.

E eu, que tinha meu quarto contiguo ao do incorrigivel seductor, ouvia a quasi imperceptivel voz da menina, que pedia, entre beijos:

— *Di-me aquel de los ojos verdes, Moreno chico...*

E o patife do Mendes Moreno recitava, com gesto largo e apaixonado, o que ella lhe pedia. E um longo beijo, que, por direito de autoria, pertencia ao desventurado Lovelace, era o premio immerecido daquella inspiração poetica...

APOIADO o cotovello em cima da secretaria, Mendes Moreno escrevia, absorto, quando um velho continuo metteu a cabeça pela porta entreaberta.

— Uma senhora... Mando entrar?

— Espere um pouco. Quando eu tocar o timbre...

Desappareceu o serviçal, e fechou-se a porta. Mendes Moreno pôz-se deante do espelho, que reflectiu o seu largo rosto de conquistador, sem uma ruga, e onde dois olhos negros e avelludados punham um traço suggestivo de belleza masculina. Endireitou com donaire o laço da gravata, apertou o collete, pôz á mostra os punhos da fina camisa de sêda, humedeceu os labios, e sorriu indulgentemente para a sua figura de d. Juan Tenorio reflectida no espelho.

Em seguida, tocou a campainha. O serviçal deu entrada a uma linda figura de mulher, que abriu os labios num sorriso fino, dando ás feições uma expressão candida de timidez, só encontrada nas virgens incomparaveis de Boticelli.

— Vim por causa do annuncio. E' a primeira vez que me emprego...

Mendes Moreno indicou-lhe o divan, pediu licença para accender um cigarro, e fez-lhe, a sorrir, uma pergunta.

Ella, corada, respondeu que não, que não tinha noivo, e que sua aspiração presente consistia em trabalhar, como dactylographa num escriptorio.

"Esta rapariga é ingenua e modesta. Não ha de ser difficil cearlhe uma illusão", pensou o incorrigivel bohemio.

— Disse que não tinha pae...

— E' verdade. Vivo com minha avó...

— E, quanto quer ganhar...

— Não sei — respondeu, na feliz ignorancia da cotação da belleza no mercado.

— Quer experimentar a machina?

— Pois não.

A delicada figurinha de Saxe ergueu-se do divan, tirou o pequeno chapéu, e pousou os dêdos sobre o teclado, que estremeceu surpreso, como uma sensitiva ao toque subtil de um insecto.

Mendes Moreno, maneiroso, inclinou-se sobre a machina, a pretexto de ensinar a moça a trabalhar com a mesma. Ella, porém, sentindo o calor do homem contra a pelle delicada da face, inclinou-se para a frente e perguntou, inquieta:

— Que hei de escrever?

(Continúa no proximo numero).

NA ROÇA

O dia é tropical. A atmosphera
E' bruta. O sol, vermelho, é uma ferida...
E os bois, o insecto, o tronco, a flôr e a hera,
— Tudo palpita num rumor de vida!

Depois... a noite desce — primavera
De palpebras luzentes! Ha guarida
Em tudo. Na apotheose da chimera
Passa a monja dos céos, enternecida...

E surge novamente o dia, vário,
Chammejante. A boiada, pelas valas,
Forma um cortejo longo, extraordinario.

Nos vastos plainos pastam mil ovelhas...
E o sol, que reverbéra, vem queimál-as
Numa trama vibrátil de centelhas!

(De "Folhas Mortas", em preparo)

BRIGIDO TINOCO

O QUE SE DEVE SABER

OS MUSULMANOS E OS ANIMAES SAGRADOS

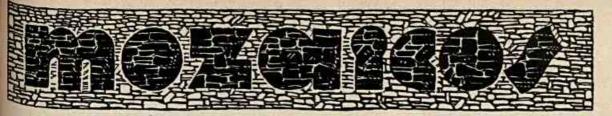
E' sabido que a India e outras regiões continuamente se transformam em palco de terriveis lutas entre pessôas que professam religiões differentes. Não faz muito, por exemplo, em Calcutá verificou-se um desses sangrentos embates. A luta travou-se entre hindús e musulmanos e um porco é que deu origem á mesma. E' desnecessario dizer que houve mortos e feridos e que as autoridades tiveram de intervir com toda energia para evitar que a peleja se generalizasse. Este insignificante incidente que deu logar a algumas mortes e varios ferimentos, offerece ensejo para algo dizer-se sobre os animaes sagrados, profanos e malditos da patria do Mahatma Gandhi. Em um dos curraes de riquissimo musulmano foi encontrado um porco. Os filhos de Mafoma entenderam que o facto representava um insulto dos hindús á sua fé. Foi o bastante... As hostilidades logo principiaram.

Para os musulmanos, como é sabido, o porco é o animal mais impuro, mais torpe e immundo da creação e, por isso mesmo, foi condemnado por Mahomet. Por cousa alguma do mundo um musulmano seria capaz de ter um porco na sua habitação. Para os brahmanos, tambem, o porco é um animal immundo e, precisamente por isso, é que são mettidos em grandes saccos fabricados com couro de porco os sacerdotes brahmanos que faltam a seus juramentos e as mulheres infieis que são atirados, assim, ás aguas profundas de algum rio.

Emquanto o porco é um animal "condemnado", a vacca é sagrada para os hindús. Aquelle que mata uma vacca commette um crime, raro, pelo qual responde, ás vezes sendo processado como o mais miseravel dos assassinos.

Muitos outros animaes representam valores differentes perante as religiões do Oriente. O porco, o cão e o burro são repudiados. Naquellas terras phantasticas da Asia, sob qualquer pretexto nenhum homem acceitaria um cachorro como amigo ou se utilizaria de um burro para o transporte. Os macacos e os elephantes são, porém, considerados sagrados e ai! daquelle que lhes toque num pello! Os macacos, brancos são objectos de um culto especial e dispensam-lhes toda sorte de cuidados porque um de seus antepassados foi alliado de um lendario heróe hindú, cuja noiva, encerrada num dos labyrinthos que os deuses do Mal tinham em Ceylão ajudou a libertar.

O cysne, o pavão e o ganso tambem são considerados animaes sagrados. Os elephantes brancos são tidos como divindades, a ponto de terem templos proprios e até camas com colchões de plumas.

Quando estes animaes sahem em procissão são ataviados com mantos e pedras preciosas que representam verdadeiros thesouros.

O DESESPERO DE UM GIGANTE

Na localidade de Kacskemet, na Hungria, verificouse uma tentativa de suicidio que pôz em apuros a Sociedade de Soccorros Mutuos e, tambem, os medicos da cidade.

O candidato a suicida foi Mathias Spitz, um gigante de cerca de dois metros e doze centimetros de altura, pesando mais de duzentos e trinta kilos.

Spitz quiz deixar este mundo porque os negocios do seu açougue não lhe corriam muito bem e metteu uma bala no ouvido do lado direito. Não conseguiu, porém, morrer, tendo ficado gravemente ferido. Avisada a policia, pouco depois chegava uma ambulancia. Esta, porém, foi *insufficiente*, porque não comportava o ferido e requisitou-se, então, um caminhão — dos empregados em mudanças. Com a força e a bôa vontade de oito homens foi Spitz collocado no vehiculo. No hospital as camas eram demasiado pequenas para o gigante. Pequenas e sem resistencia para supportar a carga. Deitaram, então, o carniceiro no chão, sobre um grande colchão.

Mathias Spitz é popular na região de Kecskemet pelo seu excepcional appetite. Quebra o jejum, pela manhã, como dizem os da localidade, com uma duzia de ovos, tres enormes *beefs* e um kilo de pão. O seu almoço corresponde ao de seis pessôas que comam regularmente.

OS CHINEZES E OS CÃES

Um dos mais famosos principes das milenarias dynastias chinezas, Li-Hung-Shang, fazia uma viagem de estudos pela Europa, ao mesmo tempo que praticava todos os sports em voga. Dizem que a patinação e o football tinham a sua preferencia. Apenas, porém, chegou á Inglaterra empolgou-o por completo: as corridas de cães. Os inglezes de todas as classes sociaes faziam o possivel para obsequiál-o, ás vezes com os mais excentricos e ricos presentes. Conhecendo o accentuado "fraco" que os filhos do Celeste Imperio têem pelos cães, um inglez, creador de cães de corrida, offertou a Li-Hun-Shang um magnifico exemplar de cão da raça "setter". Como era de suppôr, o creador esperou que o principe chinez haveria de mostrar-se grato pelo excellente presente, tratando-se de um cão de corrida diversas vezes campeão. Dois dias depois, recebia uma carta, nestes termos: "Prezado senhor: Agradeço infinitamente sua gentil attenção enviando-me um cão magnifico, cujo estado physico era excellente. Devo, porém, advertil-o de que, ha muito tempo, desde que viajo pela Europa, amoldando-me aos costumes occidentaes, de vocês, os brancos, renunciei por completo ao manjar esquisito de meu paiz, que é a carne de cachorro. No emtanto dei o seu cão a um meu serviçal que me garantiu nunca ter comido carne mais tenra e mais delicada.

NA ESTRADA

DESDE a partida de Paris, durante todo o percurso da estrada nacional cortada, nesses dias de Paschoa, por uma quantidade de automoveis de toda sorte, a attenção de Eva Plagny era absorvida pela conducção do carro, pequeno *cabriolet* azul, onde havia feito já, sozinha, como hoje, muitas vezes o trajecto que seguia. Mas, quando, depois de tres horas de caminho, voltou á esquerda para tomar por uma estrada pouco frequentada, de que muito gostava pelo pittoresco, poude reflectir e perguntar á si propria, mais uma vez, si deveria ou não consentir em casar-se.

Hesitava. Estava viuva, havia sete annos, e havia ficado muito nova, depois de breve união com um marido, quasi sempre ausente e que morrêra num accidente de aviação.

No momento, ha alguns mezes, o senhor Luiz Limeuil perseguia-a com declarações, cercava-a de cuidados, supplicando-lhe que se casasse com elle. Elle não a desagradava. Quasi quinquagenario, mas parecendo ainda muito joven, vestia com refinada elegancia, tinha habitos e gostos que uma grande fortuna permitte, tinha maneiras cortezes de um homem delicado, e, além disso tudo, possuia qualidades firmes de um homem corajoso.

Não inspirava nenhuma paixão á Eva, porém, na verdade, ella não esperava mais apaixonar-se, e sentia-se muito inclinada a dedicar ao senhor Luiz Limeuil, firme e solido affecto...

Diria pois desta vez, sim?

Ella ia, como costumava fazer duas vezes no anno, passar quinze dias no castello duma tia, a senhora Corbiere, unica parenta. Alli, encontrava todos os dias o senhor Limeuil, que possuia uma propriedade vizinha onde passava as férias... Pela ultima entrevista em Paris, ella quasi promettêu-lhe uma resposta definitiva... Enchel-o-ia de alegria dizendo sim?

No fim duma tarde de Abril, ao sol quente, ao vento fustigante, o *cabriolet* azul rolava numa marcha lenta, pois Eva gostava pouco de velocidade...

De subito, o motor pára. Arrancada a seus pensamentos, a joven rapariga, guiou para a beira da estrada que as forças do carro lhe permittiram alcançar.

Eva saltou. Uma *panne!* Era a primeira vez que tal lhe acontecia, tendo-lhe sempre satisfeito plenamente o seu carro. Levantou a capota, tentou inteirar-se do caso, mexeu aqui e acolá... e acabou por reconhecer sua incapacidade. Si sabia bem conduzir, os mysterios da mechanica não lhe eram familiares... Levantou-se e, empertigada no seu capote cinza guarnecido de pelles, que lhe desenhava o porte elegante, de mãos na cintura, o boné enterrado na bonita cabeça morena, fixou um olhar de censura sobre o *cabriolet* azul que trahia a sua confiança.

O desapontamento da joven creatura era grande. Uma hora de caminho separava-a ainda do castello.

O crepusculo aproximava-se. Que fazer? Um soccorro de accaso era pouco provavel nessa estrada afastada, desprezada dos touristes e onde bem raramente ella encontrava outros carros. Que fazer? Eva perguntava á si mesma sem achar remedio para a situação. Pensava na ansiedade da velha parenta, esperando-a em vão e que sempre lhe censurava a imprudencia de conduzir o carro, viajando só... Pensava tambem um pouco na afflicção do senhor Limeuil que jantava aquella tarde no castello.

Mas um ruido acolá na estrada, vinha na direcção opposta á que ella vinha, fêl-a estremecer d'esperança. Sim, vinha um carro... E ella o avistou em breve: sumptuoso e possante carro que chegava, como um furacão.

Eva avançou, levantando o braço e agitando-o em signal de soccorro.

O carro freiou, parou. Um homem que o conduzia, com uma mulher ao lado, saltou e approximou-se, alto e forte dentro de um casaco beige.

Eva, ao vêl-o teve um estremecimento profundo, sentiu-se empallidecer e vacilar.

Era Francisco.

No entretanto, elle não deu mais

De Frederic Boutet

tras de reconhecêl-a e perguntou, cortezmente:

— Que ha? Posso ser-lhe util?

Com grande esforço, dominando a emoção, ella respondeu, em tom mais calmo que lhe foi possivel.

— Foi uma *panne*, senhor. Não sei o que ha... Não tenho experiencia...

— Pois bem! Vou experimentar o concerto, disse elle com polidez.

Voltou ao carro, mudou as luvas, apanhou a ferramenta approximando-se do *cabriolet* azul, cujo mechanismo auscultou.

— Não é nada, disse elle. Em cinco minutos estará prompto.

Poz-se a trabalhar.

Eva, para disfarçar, accendeu um cigarro. Não ousava mais olhar para Francisco nem falar-lhe; não ousava tão pouco encarar a joven. Esta, havia ficado immovel, no automovel, indifferente ao incidente, e não parecia desejosa de entabolar conversação. Loura, fina, era extremamente bonita e absolutamente elegante...

De subito o rapaz olha para Eva.

— Prompto, senhora, está terminado. Póde continuar sua viagem.

— Obrigada, senhor, disse Eva.

Sua emoção não havia desapparecido, devia ter feito esforço para apparentar indifferença, mas accrescentou para que elle lhe falasse um momento ainda:

— Que é que estava quebrado?

Ella olhava-o de frente. Elle não voltou os olhos, mas ella não percebeu em Francisco o mais leve vislumbre de emoção, de lembrança... nada que significasse que ella não lhe fôsse extranha.

— Oh! quasi nada, era insignificante, disse elle. Feliz, de poder prestar-lhe serviço, minha senhora.

Elle subiu para o auto. Eva subiu para o delle. Os dois partiram em direcções oppostas.

Eva segurava o volante, com as mãos tremulas. Afugentava as lagrimas que lhe brotavam dos olhos, reacção da surpreza, da emoção, experimentadas. Francisco havia sido o grande, o unico amôr de sua vida. Não amára o marido, sempre ausente, que ella havia perdido, tão joven. Francisco, quando ella o encontrou, um anno depois de viuva, dominou-a e conquistou-a immediatamente. Uma louca paixão os havia ligado durante tres annos. Não pensaram nunca, nem um nem outro em se casarem. Amaram-se, bastava-lhes... E depois, veiu o rompimento. Por que? Eva não o sabia bem... Mas a culpa foi de Francisco... Sim. Eva estava certa... Elle havia partido. Ella nada soubéra delle... senão que a havia amado e que nunca ella podéra amar mais ninguem assim... E isso, ella acabava de vêr confirmado, mais que nunca, quando o tornou a vêr.

Mas elle?... Tel-a-ia esquecido? Esquecer tres annos de paixão, de felicidade? Estaria ella tão mudada que a não reconhecesse? Ou ainda, por causa dessa mulher, tão bella, que o acompanhava, elle não a quiz... Mas elle podia, por um gesto, um olhar... ou mesmo por uma phrase evocando um encontro anterior, banal, mundano... Não, nada, nada... uma estranha, ella era uma estranha para elle. Seria possivel?

Não a havia nunca amado, realmente?

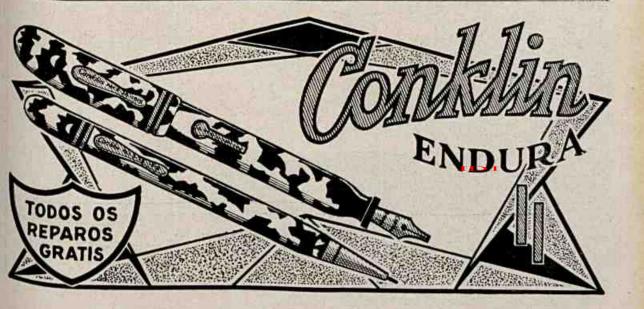
Perturbada, infeliz, magoada, irritada, enciumada, Eva, obsecada pela lembrança das maravilhosas horas de outr'ora, obsecada pela lembrança dos crueis minutos do encontro na estrada, passou, em casa da velha parenta, dias detestaveis, recusando-se a tomar uma decisão a respeito do senhor M. Limeuil, a quem disse apenas que ainda não podia responder-lhe... Ah! tratava-se do senhor M. Limeuil... tratava-se de Francisco... de Francisco que a revendo...

Eva, melancolica, duvidando de si mesma, duvidando do passado, voltou a Paris... E foi alli sómente que ella recuperou a calma, a confiança, o prazer pela vida e a vontade de attender finalmente ás declarações de Limeuil apaixonado, graças á uma carta que a esperava em casa e cuja letra, que ella reconheceu no envolucro, a fez estremecer.

Ella abriu e leu:

"Eva: a lembrança de um amôr como o nosso não póde se apagar. Comprehendi-o quando te revi mais seductora que nunca. Amo-te ainda, Eva... E comprehendi, pela tua emoção, que me amavas ainda... Desejo tornar a vêr-te? Quererás tu? Supplico-te que o queiras. Espero uma palavra tua para correr...

Francisco".

Calmamente, Eva rasgou a carta e deu-se ao prazer vingativo de nem si quer respondel-a.

O GUARDA-CHUVA

DE ALCEU MARINHO REGO

Esquecido um pouco do drama interior que lhe amargurava as noites, Roberto de Quental caminhava absorto, patinhando na agua da calçada, e apenas resguardado por um guarda-chuva, velho objecto de familia, serviçal de duas gerações. Desde manhã aquelle chuvisco insistente, maçante, que baptizava de melancolia pessôas e coisas.

Subir essa rua, diariamente, depois das aulas, era habito de oito annos para Roberto, tempo que sua familia habitava uma grande casa branca perfumada por uns jasmineiros do oitão.

Quasi a formar-se, com um futuro promissor a aguardál-o, Roberto havia feito a escola do pessimismo num amôr infeliz, amôr suave que lhe encheu a alma adolescente por muito tempo, amôr violento ao fim, que lhe consumiu a "branca flôr das illusões mais puras".

Da imagem que lhe voejava sempre na mente, do nome que constantemente lhe acudia aos labios das alegrias e das magoas desse paixão se esquecêra nesse momento, em que voltava á casa, palmilhando aquelle cimento tão batido das suas botas.

Nesse instante, rebentavam as nuvens em grandes botões d'agua e uma chuva de enorme violencia desabou. Já apressava o passo quando, levantando o olhar, deu com uma figura de mulher, que fugia á violencia do aguaceiro, cosendo-se ás paredes, tendo a gola do capote levantada, as meias molhadas... Não precisava muito para que Roberto a reconhecesse. Sim, era ella.

Mal brotado o pensamento no cerebro, pôl-o em pratica, dirigindo-se á moça, a quem não falava desde o rompimento.

— Permitte-me cobril-a, Maria!

Seus grandes olhos castanhos pousaram nelle, com uma expressão de surpresa e indecisão. Roberto tornou-a delicadamente pelo braço e, fazendo-a andar, disse-lhe:

— Vamos; você está se molhando.

Sem palavra, seguiram juntos sob o mesmo guarda-chuva. Alternavam-se em olhadelas furtivas, evitando se entreolhar-se. Como ella emmagrecêra! Como elle estava acabado! Roberto estava mais queimado; tinha ganho dureza na physionomia. Os cabellos de Maria estavam mais annelados, mais sedosos; mais brilhantes.

Pararam no poste de bonde. Aguardavam o vehiculo em silencio, cheios de susto, desejando que uma eternidade corresse sobre elles antes de chegar o [illegible]

— Estamos humedecendo os pés, [illegible] Roberto. Não é melhor andarmos?

Ella jogou os hombros, mas com notória alegria.

Foram andando pela praia. Ganharam o lado dos jardins.

E sob as arvores encolhidas, parecendo beatas em oração, Roberto e Maria, trêmulos ao receber a nova felicidade, trocaram as primeiras palavras de reconciliação...

AS PORTAS HISTORICAS DA HESPANHA — Segovia é uma das cidades mais antigas da Hespanha: sua origem pode-se dizer que se desconhece. Plinio e Ptolomeu mencionam-na entre as cidades dos Arevacos. O arcebispo D. Rodrigo, primeiro escriptor que a menciona, ao falar do aqueducto indica o rei Hispano como fundador da cidade e outros chronistas a princeza Iberia, não menos fabulosa que sua mãe, cuja mão ganhou Pirzo, principe da Grecia, em competição com os de Africa.

São notaveis os monumentos de Segovia e competem com os de Toledo e de Avila. Circunda-a uma extensa muralha defendida por 86 cubos ou torreões de formas differentes e quatro fortalezas que são: o Alcazar, a Casa do Sol, a dos Picos e a de Segovia, junto ao logar chamado, Porta de S. João, que é o ponto de maior largura e altura da muralha.

Varias portas dão accesso á cidade, sendo a de Santo André uma das mais bem conservadas e um dos monumentos historicos mais interessantes da peninsula.

•

O PODER DA SUPERSTIÇÃO — A "London and North-Eastern Railways", depois de muitas discussões, acaba de abolir o numero 13 nos seus carros-dormitorios afim de attender as reclamações dos passageiros supersticiosos.

Cada numero 13 passou a 14 e este a 14 A.

A companhia foi forçada a adoptar esta providencia porque numerosos passageiros recusavam tomar logar nos carros marcados com o numero 13.

•

A PALAVRA "DOUTOR" — Foi no seculo XIII que se começou a empregar a palavra *doutor*, para designar aquelle que tinha feito certo numero de exames finaes.

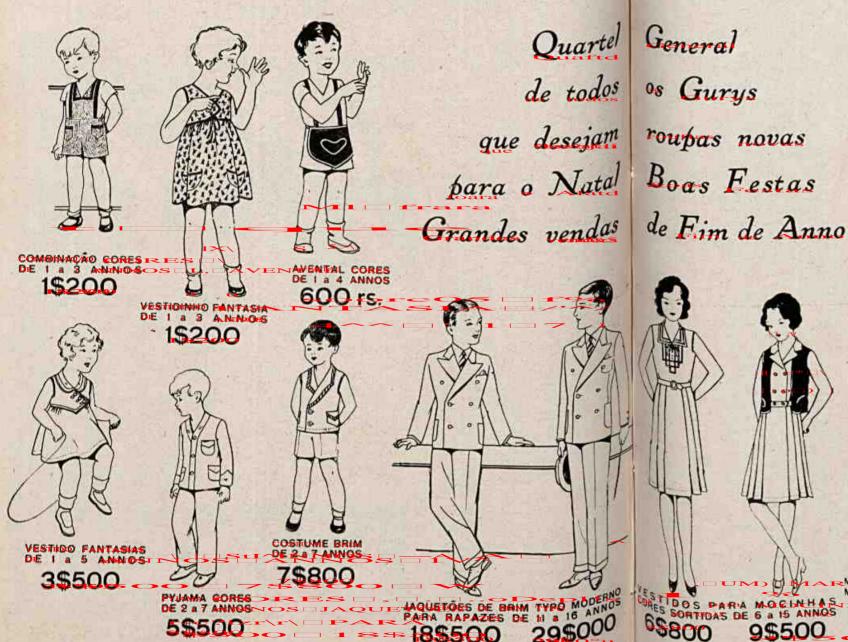
A primeira recepção de doutores realizou-se na Universidade de Bolonha em 1140. Pouco tempo depois a Universidade de Paris adoptou a nova denominação, que veio substituir a de *mestre*. Em 1340 foram definitivamente organizadas as quatro faculdades da Universidade de Paris: theologia, direito, medicina e artes. Só as três primeiras outorgavam o titulo de *doutor*, que se obtinha depois de 14 annos de estudos.

•

OS PRIMEIROS HOTEIS — Foram estabelecidos pelos romanos, mas em nada se pareciam com os actuaes.

A *osteria* dos romanos era uma construcção que permittia aos viajantes abrigarem-se das inclemencias do tempo, porem não tinha cama nem dava comida.

Os "hospedes" dormiam no chão e levavam o que comer.

Pessoal miudo! Todos a postos!

PAPAE NOEL INSTALLOU-SE

no PAVILHÃO | *O PAVILHÃO*

OUVIDOR, 108 | OUVIDOR, 108

Quartel General
de todos os Gurys
que desejam roupas novas
para o Natal Boas Festas
Grandes vendas de Fim de Anno

COMBINAÇÃO CORES
DE 1 a 3 ANNOS
1$200

VESTIDINHO FANTASIA
DE 1 a 3 ANNOS
1$200

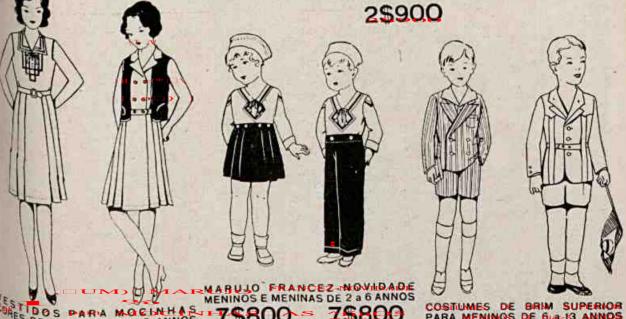
AVENTAL CORES
DE 1 a 4 ANNOS
600 rs.

VESTIDO FANTASIAS
DE 1 a 5 ANNOS
3$500

PYJAMA CORES
DE 2 a 7 ANNOS
5$500

COSTUME BRIM
DE 2 a 7 ANNOS
7$800

JAQUETÕES DE BRIM TYPO MODERNO
PARA RAPAZES DE 11 a 16 ANNOS
18$500 29$000

Notas de Arte

FESTA A COELHO NETTO. — Homenageando Coelho Netto, levaram á scena no Theatro João Caetano, em a noite de 21 de novembro, a comedia do nosso querido poeta da prosa — *Miss Love*. Representaram-na amadores, menos como prova da sua arte incipiente, do que como demonstração de affecto e admiração ao glorioso escriptor patricio. Entretanto, é justo dizer que, apreciado sob esse aspecto, correu o espectaculo a contento do publico e da critica. A senhorita Luizinha Carpenter encarnou, com muita naturalidade, a personagem esquisita e ridícula da protagonista. A senhorita Dolores Cruz não pareceu que era a primeira vez que pisava o palco, tal o desembaraço com que interpretou o papel de Lúcia. As senhoritas Nadír Itreva e Ruth Cruz desempenharam satisfatoriamente os pequeninos papeis de Baroneza e Clara. O sr. Walfredo Machado contribuiu bem regularmente para a harmonia do conjuncto. Coelho Netto foi saudado antes do espectaculo por uma allocução da senhorita Dolores Cruz. Infelizmente, não nos foi possível assistir ao concerto, que seguiu á representação e também em honra do romancista e theatrologo. Outro sarão artístico nos esperava. Era forçoso partir e partimos...

LÉA AZEREDO DA SILVEIRA. — A pluviosa tarde do penultimo jovedia, 5.a-f., 26 de novembro, transformou-se, na Embaixada Americana, em tarde radiosa para o pequeno mas selecto auditorio que teve a dita de ouvir e applaudir a sra. Léa Azeredo da Silveira, realizando, em beneficio da Sociedade de Assistencia aos Lazaros, bello e raro recital de musica franceza. Foram estes os números interpretados: Guédron (1614) — Aux plaisirs, aux délices; Lulli (1674) — Air de Veurs, da ópera Thésée; Rameau (1737) — Castor et Pollux (minueto cantado); Monsigny (1769) — Adieu, chere Louise, da op. (?) Le déserteur; Grétry (1774) — Du moment qu'on aime, da óp. Zemir et Azor; Wekerlin — Tambourin du 18 me. siecle, de Aminte; Fauré — Les roses d'Ispaham (Poésie de Leconte de Lisle) e Soir (Poésie de Albert Samain); Debussy — Chevaux de bois, de Paysages belges, e La grotte (Poésie de Tristan Lhermite); Ravel — Nicolette; Marguérite Canal — Douceur du soir (Poésie de G. Rodenbach); Rousseau — Trois petits oiseaux dans les blés (Poésie de Jean Richepin); Bruneau — L'heureux vagabond (Poésie de Catullo Mendes); Chabrier — Les cigales (Poésie de Rosemond Gérard).

A simples leitura do programma revela o carinho artístico da cantora, escolhendo composições caracteristicas do genero musical da França, todas cheias de difficuldade e de belleza. Teve ainda o recital importancia histórica, porquanto mostrou summariamente a evolução da musica franceza do principio do seculo XVII ao principio do seculo XX.

A voz da prof.ª Léa Azeredo é das melhores entre as que conhecemos em nosso meio artístico; agradável pelas qualidades naturaes de timbre e ainda pela cultura. Tem o mesmo predicado não muito commum — a dicção perfeita. Sabe sentir o que canta e parece que só canta o que sente.

Sem pretender seja a nossa apreciação de mero chronista de impressões, juizo valioso e definitivo sobre a illustre cantora patrícia, cremos não estar longe della, a dos technicos que alliem a capacidade critica ao valor moral para julgar.

Teve, a interpretação do programma muitos e merecidos applausos. Agradou-nos especialmente Castor e Pollux, Adieu, Chére Louise, Soir, Les Trois petits oiseaux, Les cigales, e mais que tudo, verdadeiras obras primas de execução technica e expressão sentimental — Du moment qu'on aime e L'heureux vagabond.

Nos intervallos, surprehendeu a attenção do auditorio o juvenissimo violinista Fáfá Lemos, que recebeu intensos applausos, tocando, entre outros números, Le Cygne, de Saint-Saens.

Os acompanhamentos foram feitos com a competencia de sempre pelo prof. José de Souza Lima.

Num dos momentos de repouso para a cantora e para os instrumentistas, pronunciou algumas palavras de agradecimento, em nome da Soc. de As. aos Lazs., o dr. Oscar da Silva Araujo. Entre outras saudações fez a da Mulher Brasileira, symbolizada na sra. Darcy Vargas, esposa do presidente da Republica e que se achava presente ao recital.

NO MUNICIPAL. — Que notas altas as da Lily Pons!

— Muito altas. São notas arranha-céos.

O CONCERTO OFFICIAL DO I. N. M. NO ANNO LECTIVO DE 1931 — No I. N. M. realizou-se em a noite de 5 de dezembro o Concerto official desse I. no anno lectivo de 1931. Difficilmente imaginar-se-ia que, sob a chuva incessante e ás vezes torrencial que inundava as ruas, comparecesse o numeroso auditorio que lá estava. Parece que, se fosse o tempo bom, o grande salão do I. teria a lotação exgottada.

Constituiu-se a festa musical com o seguinte programma: — pelo organista italo-brasileiro Furio Franceschini — Adagio da 6.ª Symphonia e Allegro cantabile, de C. M. Widor; Piece héroique, de César Franck; Sonata, de H. Oswald: além do extra pela orchestra de cordas, do I. sob a regencia do prof. Milano — Reminiscencia, de A. França; Romance, de H. Oswald; Serenata, de A. Nepomuceno; Berceuse e Minha terra de Barroso Netto; Canto da saudade de Francisco Braga; as duas ultimas composições acompanhadas ao piano pela prof.ª Marina Pinto Galvão.

As peças de orgão formaram a parte principal do programma; a orchestra de cordas era apenas um appendice. Entretanto, é justo assignalar que, apesar dessa situação de inferioridade, ascendeu a orchestra á posição de igualdade. Houve assim dois bellos recitaes o de orgão e o de orchestra.

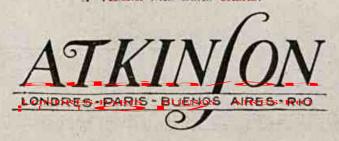
A impressão immediata que nos dá, que nos tem dado, a execução do orgão do I. é de que a musica executada não tem interprete bem integral do grandioso instrumento. Toda a sensibilidade, todo o saber technico do organista parecem inherentes ao proprio orgão. Associando a sensação visual do instrumento-orchestra, á dos sons que delle emanam, o ouvinte applaude, como applaudiria um disco de electrola. Pois o que apparentemente o emociona é o orgão e não o organista. Occulto, por assim dizer, dentro da caixa sonora, o instrumentista não deixa perceber a sua sensibilidade através dos gestos dos hombros e da mimica da face, movimentos esses reflectores do ambiente musical, que elle anima com a sua individualidade, de accôrdo com o seu temperamento e com os conhecimentos technicos da sua arte... Não seria possivel modificar-se a posição do instrumento, de modo que o publico visse tanto o orgão como o organista?...

Apesar dessa situação de inferioridade em que fica o organista, a verdade é que, ás vezes, pelos effeitos do instrumento, se lhe póde apreciar parte do valor. Assim é que no concerto do I. pudemos palmejar sem favor o prof. Furio Franceschini, já pela sua technica já pela sua sensibilidade. Agradou-nos especialmente nos Adagio da Symphonia de Widor e da Sonata de Oswald, e na grande obra de César Franck — Piece heroique. Mas para traduzir com sinceridade a nossa impressão, devemos dizer que sentimos ás vezes, sobretudo no Allegro da Sonata, alguma cousa, como carencia de nitidez; tivemos certa sensação de barulho: naturalmente devido mais ao instrumento que ao instrumentista. Foi a sombra no meio de tanta luz...

A orchestra do I. brilhou mais uma vez. Todos os instrumentistas — que na sua maioria eram moças e meninas, e por isso mesmo davam mais belleza á belleza da execução — pairaram em plano superior. De Reminiscencia á Minha terra foi uma série de louváveis e louvadas interpretações. Houve, porém, um numero que sobresahiu entre todos, menos pela mestria da interpretação, que foi mais ou menos a mesma de outros números, do que pela belleza da composição, original e característica: referimo-nos á Serenata, de Nepomuceno. Como a Minha terra, de Barroso Netto, foi a Serenata ruidosamente bisada.

OSCAR D'ALVA

— Mas... Por que não te casas já, Antonio?

— Impossivel. Ella não quer se casar commigo antes que eu pague as minhas dividas, e eu não posso pagal-as antes de me casar.

O ACCUSADO

O advogado havia allegado loucura. A tarefa havia-se-lhe tornado penosa pelo absoluto mutismo em que o réo se encerrára desde a prisão. Nem supplicas, nem ameaças, conseguiram arrancal-o áquelle retrahimento que não era fingido. Por que Frederico Vallier matára o amigo Piérre Darriel? O advogado não encontrou resposta razoavel á essa pergunta e invocou a demencia.

O presidente fez a pergunta:

— Accusado, tem alguma coisa a ajuntar em sua defeza?

Frederico Vallier levantou-se lentamente. Sua physionomia estava pallida e macilenta. Uma expressão de indizivel soffrimento alterava-lhe os traços. Elle falou com vóz tremula e baixa que se ia tornando firme e alta:

— Senhor Presidente, antes de tudo, peço-lhe permissão para agradecer a meu advogado que, não obstante meu silencio, acaba de fazer todos os esforços para arrancar-me a um castigo que, aliás, me é indifferente. Creio que hoje terei bastante força e sangue frio para lhe contar minha historia até o fim. Eil-a:

Ha um anno, uma congestão pulmonar, levou-me a minha mulher em alguns dias. Uma noite terrivel em que a chuva fustigava os vidros luzidios e o vento sacudia as portas e janellas gemendo lugubremente, ella expirou em meus braços, depois de uma luta atroz entre a vida que ainda possuia e a morte implacavel. Ella morreu com os olhos cheios de lagrimas e ainda tenho nos ouvidos as suas ultimas palavras dilacerantes:

— "Meu querido!... meu querido!... defende-me!... Salva-me!... Não quero deixar-te!"

As horas que se seguiram foram horriveis. Um soffrimento que nunca imaginei experimentar, ganhou-me todo e, como um animal ferido arrastei-me por todos os cantos, vociferando a minha dôr.

"Veio o medico, creio, eu depois algumas pessôas e finalmente, os parentes, chamados, por quem, não sei.

Com raiva, senti que se agitavam em torno de mim; de punhos serrados, surprehendi trechos de conversa de que minha pobre morta, estava rigorosamente excluida. Precisei refrear impetos loucos de varrer todos aquelles indifferentes, de mascaras fingidamente dolorosas. Minha querida era minha, só minha; eu só a havia amado e animado e só eu a chorava verdadeiramente. Depois, foi a interminavel subida para um lugubre cemiterio.

Tetubiante, sacudido por convulsivos soluços venci essa ultima etapa de meu calvario, apoiado ao braço d'um homem, que nunca vi. Quando acabou tudo, voltei á casa, não sei como e fechei-me.

Minha pobre querida estava alli, em toda parte, em todas as peças, nos mais insignificantes objectos; sua presença enchia o apartamento e horrivelmente só, atirei-me sobre o leito vazio e solucei perdidamente.

"Covarde demais, para me matar, tive que continuar a viver. Foi quando, seis mezes mais tarde, encontrei Piérre Darriel. Nesse dia, uma nova crise de desespero enchotava-me de casa e errei horas e horas pelas ruas que uma chuva fria e gelada fustigava. Pela noite, extenuado, molhado, entrei n'um restaurante. Estava em tal estado que o gerente quasi botou-me pela porta afóra. Com os cotovellos sobre a mesa, não toquei nas comidas encommendadas e, voltando as costas, á sala ruidosa e illuminada, esforcei-me por dissimular as lagrimas que, incessantemente, rolavam dos meus olhos avermelhados. Foi quando Piérre Darriel interveio. Elle me observava desde uns instantes e bruscamente, chegou-se a mim dirigindo-me a palavra. Meu acolhimento glacial não o desapontou e elle teve palavras que me tocaram. Seis mezes de absoluto isolamento, explicam, de sobra, porque nessa noite, atirei-me ao seio do primeiro chegado, e fiquei surprezo da especie de allivio que experimentei depois que falei muito tempo da minha morta áquelle desconhecido.

"Tornámo-nos amigos e elle habituou-se a vir á minha casa, frequentemente; dois mezes mais tarde elle falou-me pela primeira vez de espiritismo e evocou possibilidades que me fizeram saltar o coração. Não levei muito tempo a resolver-me, e certa noite fui á casa do amigo. A primeira sessão foi negativa; não obstante todos os esforços, nada sobreveio. Attrahido não sei por que esperança insensata, acceitei segunda tentativa. D'essa vez Piérre Darriel conseguiu. Ao cabo d'uma interminavel hora, na penumbra em que uma lampada vermelha lançava um reflexo de purpura, com os meus nervos tensos ao extremo, vi de subito, uma fôrma esbranquiçada desenhar-se na obscuridade. Lembrando-me das recommendações de Darriel, que me obrigára a jurar, acontecesse o que acontecesse, eu não faria o mais leve movimento consegui, á custa de enorme esforço, ficar immovel na cadeira. Uma vóz longinqua, abafada, fraca como um sopro, chamou-me por um nome dôce que eu nunca mais julguei poder ouvir, desde que a morte sellou para sempre os labios da minha bem-amada. Dei um grito desesperado e lancei-me para frente, com os braços estendidos. A apparição apagou-se e eu rolei pelo chão, sem sentidos.

De Claude Orval

Desde então, minha vida ficou presa á essas sessões que se tornaram cada vez mais frequentes. Darriel doutrinou-me e consegui dominar os nervos.

— Pouco a pouco, disse-me o amigo, o espirito de sua mulher se aclimatará e você poderá lhe falar. Mas, sobretudo, fique absolutamente calmo. Nada de gestos bruscos, nada de exclamações! Fale suavemente, sem se mexer, e tudo correrá bem!

Inundado por uma louca alegria, obedeci e minha mulher voltou á minha vida. Sua vóz fragil como crystal evocava caras lembranças, perturbando-me até á loucura. Vivia abençoando Pierre Darriel que me havia arrancado ao sombrio abysmo onde me deixara só, longe d'aquella que eu tanto amára.

Ora, senhor Presidente, certa noite o acaso levou-me a um café dos grandes boulevards. Devia ir á casa de Darriel ás 9 horas, e meu espirito estava embuido da idéa da proxima sessão que me proporcionaria rever a minha mulher. De repente apurei os ouvidos; havia um banquinho junto ao meu e por traz de mim duas pessôas discutiam em vóz baixa. N'um relance d'olhos vi Pierre Darriel falando á uma mulher nova. Sorri ternamente e sonhei:

— O excellente amigo tem uma ligação. Por delicadeza, elle nada me disse para não me fazer soffrer, fazendo-me lembrar o vazio do meu coração e de meu triste apartamento!

"Subito, algumas palavras ferem-me como balas:

— Ainda esta noite! exclamou a jovem mulher. Ah! não, estou farta de fingir de fantasmas! E, depois, a credulidade d'esse desgraçado, parte-me o coração. Não, não, não quero mais divertir-me com a dôr alheia. Esta comedia grosseira me enoja!

— Ora, Lysiane, ainda um pouco de paciencia. Não sejamos precipitados. Em tres mezes já lhe pedi emprestado bem bom dinheiro, pretextando máos negocios. Algumas semanas mais ainda e conseguirei a somma que necessito. Depois nós o largaremos para ahi!

"O que se passou em mim, senhor Presidente, não lhe posso descrever claramente. Um frio horrivel gelou-me por inteiro e puz-me a tremer com todos os membros. Depois, uma raiva desmedida ganhou-me, fez-me levantar e eu projectei-me de um salto. A mesa sacudida, cahiu com grande ruido de copos quebrados... Um segundo depois! eu apertava Darriel pela garganta, apanhei a primeira coisa que achei sobre a mesa e bati, bati ferozmente, vociferando palavras sem nexo.

Quando me arrancaram á victima, eu tinha o rosto e as mãos banhadas de vermelho. Olhei esse sangue com uma alegria diabolica e debati-me como um louco para tentar jogar-me novamente sobre o corpo ensanguentado do miseravel, que me havia feito perder minha mulher uma segunda vez. E' tudo. Agora, façam de mim o que quizerem!

... Depois de rapida deliberação, os jurados voltaram com um veredictum de absolvição.

"Ha mezes que estou usando estas roupas e Lux ainda continua a dar-lhes a apparencia de novas"

Meias das mais finas
Lãs das mais macias
Sedas diaphanas ....
Nada tem a recear do Lux.

Os seus vestidos mais delicados, as suas meias de malha mais finas, as suas combinações mais valiosas, conservam-se frescas e bellas sob o cuidado do "LUX". A sua espuma rica e leitosa restaura a belleza primitiva dos tecidos, penetrando em todos os fios e expurgando-os de suas impurezas. A maciez de suas mãos será o testemunho da delicadeza do "LUX" para com as sedas mais finas. Uma lavagem com "LUX" torna os seus lindos vestidos macios e brilhantes e com toda a attracção de novos. Lave em casa por este processo economico todas as peças do seu mimoso enxoval. Conserve por mais tempo como novos os seus vestidos predilectos.

LUX
Para lavar sedas, e todas as roupas finas

LUX
Para lavar sedas, lãs e todas as roupas finas

S. A. IRMÃOS LEVER

SÃO PAULO — BRASIL

U. 15-01326 Bj.

ANNO XXV
FON-FON
NUMERO 50
Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1931
Director: SERGIO SILVA

Magia Negra

ELCIAS LOPES

O complicado ritual da "magia negra" vae ser posto, agora, a serviço da sciencia. E', pelo menos, o que resolveram fazer alguns scientistas allemães, trepados num dos picos das montanhas de Harz, na Saxonia, a 3.700 pés de altitude.

Não sei bem se a escolha de semelhante altitude obedece a mero capricho dos sabios teutos, ou se se trata de uma formalidade a observar para o pleno exito da experiencia a ser realizada na primeira lua nova de janeiro proximo.

Parece-me, porém, mais acertado admittir a ultima conjectura, pois aquelles scientistas, *doublés* de feiticeiros, vão praticar todos os actos de magia referidos em um velho manuscripto que, não sei como, foi parar no Laboratorio de Pesquizas Psychicas de Londres.

Cumpridas, á risca, todas as formalidades de um estranho cerimonial ali preconizado, no alto da montanha de Harz apparecerá, então, um bóde. E o bóde se transformará, depois, em uma linda moça. E a linda moça...

O mais não se sabe ainda que será. Estou, porém, querendo admittir que, na melhor das hypotheses, a linda moça, se apparecer, por força do sortilegio que a arrancou do mundo macabro do sobrenatural para o das realidades da vida contemporanea, acabará pondo doidos varridos os ingenuos emulos de Fausto que vão tentar a bizarra e estravagante experiencia de "magia negra".

Logar alto. Actuação de lua. Bodejamentos. E, por ultimo, a sensacional metamorphose de um bóde — certamente de grande cavaignac negro, para ser bóde ás direitas — em uma bella mulher...

A historia é complicada. Complicada e, aqui muito á puridade, tambem um tanto rebarbativa. Emfim, como é "historia", ou, mesmo, porque se trate de verdadeira feitiçaria, passa.

Verificada, porém, que seja, scientificamente, é possivel que esse acto de alta necromancia experimental venha a transformar a essencia de muita coisa, a ordem natural de muitos phenomenos, e, até mesmo, reduzir a zero a falsa noção de muitos mysterios, inclusive o que sempre velou aos olhos do homem a alma, nunca comprehendida, das mulheres de todos os tempos.

Porque, o que me desconcerta e causa especie em toda a encenação dessa bruxaria que se vae praticar em pleno seculo XX, a titulo de experimentação scientifica, é a transformação do bóde em mulher. E mulher bonita. E, certo, tambem cheirosa, porque a idéa que se tenha de uma mulher bonita condiciona a de perfume — a de que ella é cheirosa de corpo e de alma.

Ora, isso de se suppôr uma linda mulher mettida na pelle grosseira de um animal tão pouco cheiroso como o bóde é, positivamente, diabolico. Porque o bóde, além de lubrico, é de uma falta de linha, a toda prova. Deselegante. Nada gentil, mesmo.

E as mulheres não são assim, não. Pelo menos as que tenho conhecido, sempre gentis, cheirosinhas, boasinhas, mesmo, quando a lua lhes era propicia.

Sorrio para dentro de mim proprio, para o mundo cada vez mais vasto das minhas recordações.

Povôa a terra sem fim do meu pensamento a figurinha irrequieta, arisca e saltitante de uma mulher.

— Eu sou, não sou querido, a tua "cabrinha"?

— E's, sim, meu amôr, a minha "cabrinha".

E, emquanto a vejo, com os olhos da minha saudade, sorrir satisfeita e feliz, ao se dizer a minha "cabrinha", por um estranho phenomeno de superstição já me sinto mais inclinado a admittir uma possibilidade de relação entre esses dois generos, tão differentes, de sêres.

Mas, não. Não póde ser. Que uma cabrinha se transformasse numa mulher, ou vice-versa, vá lá. Mas um bóde?

Não. Não póde ser...

— *Póde* ser, sim senhor — diz-me, interrompendo esta chronica, o turco das prestações, a apresentar-me, cretinamente sorridente, o recibo da ultima... Emfim, á falta de outro assumpto esperemos que os scientistas allemães escalem as montanhas de Harz, aguardem a primeira lua nova de janeiro, e realizem a sua annunciada experiencia de "magia negra".

E, se ficar provado que um bóde póde se transformar numa linda mulher, penduro-me no Pão de Assucar ou escalo os pincaros alcantilados da Serra dos Orgãos a praticar a "magia negra" mais desbragada deste mundo...

PAIXÃO

MARCOS, nervosamente, começou a escrever:

"Sim, Ione, sim...

Tu me dizes: "Noto que não és mais o mesmo de outr'ora. Pouco enthusiasta, quasi alheio á minha pessôa, nem siquer escreves uma palavra para a minha vaidade."

Sim.... Comprehendo a razão da tua queixa. Toda mulher gosta de saber que é amada. Que preoccupa a attenção do homem a que ella distingue com um sorriso fingido. Em summa: ella é como Schopenhauer bem define: "uma sombra que foge, si a seguimos e que nos segue, si fugimos della". Quando eu te collocava, no meu programma de vida, como figura primacial e distincta, — a soberana que presidia a todas as minhas horas — tu não te apercebias dessa grande homenagem, dessa adoração exaltada, desse fanatismo de alma. E rias, envaidecida, é bem certo, mas me não retribuias nunca a idolatria flamante.

Hoje, que a fadiga de amar inutilmente enfraquece esse culto e, neste, tu és um idolo que se confunde com outros idolos, outros iconos, outras deusas — tu reclamas e te queixas.

Tem razão La Bruyére: "Ceux qui s'aiment d'abord avec la plus violente passiom contribuient bientôt chacun de leur part á s'aimer moins et ensuite á ne s'aimer plus."

No caso, quem te amou demais, ardentemente, fui eu; mas quem contribuiu para que o meu affecto cançasse mais cedo do que era de esperar — foste tu.

O que sentes, não é o aniquillamento desse amor silencioso e discreto, sobre o qual reinaste como rainha e deusa. O que te inquieta é a ausencia do incenso, é a palavra pathetica, a revelação constante e febril: "Eu te amo! Eu gosto muito de ti!" e á qual a tua vaidade já se habituara.... Por que, na mulher, o que não é amor pelo homem, que a ama; o que ha é amor por ella mesma. Gostando de si, numa egolatria desvairada, ella soffre, como tu, neste momento, — ao presentir que já não tem a seus pés, a homenagem, a admiração, a idolatria de um homem que a elegeu ao seu coração confiante."

Marcos parou nesta altura a sua carta dolorosa. Ia fechal-a. Mas, arrependeu-se. E lentamente, lançou, por baixo, este "post scriptum" sincero:

"Ione, perdôa! E' mentira tudo quanto escrevi acima. Eu te adoro como sempre.... E logo, á tarde, tu verás que o meu beijo ainda tem o fogo de outr'ora....

Marcos"

YVES

Stella Ventura, joven escriptora de nacionalidade britannica, aqui radicada ha alguns annos. Tem collaborado com brilho e successo em varios dos nossos principaes orgãos de imprensa, além de jornaes estrangeiros, para os quaes escreve correspondencias apreciando factos de natureza social, literaria e politica que interessam o Brasil. Descende de uma das mais opulentas familias do Levante. A campanha de propaganda que levou a effeito em nossos grandes diarios sobre o Proximo Oriente e o regimen Kemalista, valeu-lhe honrosas referencias escriptas de Fethi Bey, celebre «leader» e primeiro ministro da Turquia.

A graça dos penteados

Trava-se, presentemente, no Jardim Zoologico de Berlim, um interessante Campeonato internacional do «Pente dourado». Os «figaros» estão pondo em acção apparelhos de seccagem, de ondulação e frisadores, afim de vêr qual o typo de cabello que será approvado, no caso. Já se sabe, por agora, que a côr loura é a preferida, isto é, a nuance do «louro-platinado». Nesta pagina offerecemos vários modelos de penteados que figuraram no original certamen de Berlim.

O TOIREADOR

PAIRA uma tremulina, em faiscantes adejos, ao sol, na ponta das lanças dos picadores; scintilla, nos gumes dos pampilhos dos espadeiros, um halo de trêmulos lampejos. A' claridade marcial, empennachados de plumas escarlates, galopam os ginetes sob a purpura marchetada dos telizes, ao tilintar estrepitante dos acicates, a refulgir pelo prateado vivo dos arrezes! Agita-se, no remoinho da arena, uma revoada rubra de capas, ante a ameaça hiante do toiro que, açulado, investe e babuja em fúria, que muje em cólera, ao arremetter dos chifres!

Estruge, pelo reconcavo do circo, a vozeria que delira e applaude, ou vaia e apupa, num rebôo de gritos e clamores. Tinem trincolejos de brandir de espadas que flammejam na poeira que sóbe do chão revolto. Pespassa uma illusão de chammas e labaredas entre os pannos vermelhos dos capeadores velozes, que se agitam como azas incendidas que esvoaçam, roçam os chavelhos agudos, ferozes, ou fogem, repentinas!

Deante da multidão, que se cala de repente, offega e anseia, o bandarilheiro, celebre no assalto e rápido na investida, impetuoso como um gladiador antigo, surge na sua impavidez de athleta, sorri e, guerreiro galanteador, atira o barrete ás mulheres que, entre a turba, palpitam por elle, acenando-lhe com rosas vermelhas, mulheres que trazem papoilas rubras sobre o seio, ou cravos sanguíneos pendurados dos caules presos aos dentes tiritantes, nas boccas entreabertas para o sorriso do triumpho, para a promessa do beijo da glorificação!

Toma das bandarilhas encrespadas de flôres de papel, abre-as no espaço, abrindo no alto os braços retesados, excitando o toiro no heroico desafio. Foge celere, torna de surpreza, corre, verga-se todo, encurva-se como um vime, volteia esquivo, em negaças, num rodeio instantaneo. Prepara em mira os garrochos multicores, alça-se, repentino, nas pontas dos pés, ameaça num assalto vão, engana o golpe, e arremete, fulminante como uma seta, cravando as aguilhadas na nuca eriçada que gotteja sangue... Na victoria e na fuga, alcança-o a marrada do toiro, ferem-no, brutaes, os guampaços recurvos da féra. Tropego, inanime, tomba na batalha desigual!

Restruge, marulhoso, um longo bramido que glorifica; rebôa, como um despedaçar de ondas, o alarido que rejubila e consagra, entre um delírio de triumpho e um vociferar de espanto e maldições. E o toiro, esboroando a terra, oscilla a cabeça fremente, sacóde no ar os cornos extorcidos; os olhos ensandecidos em desespero, a lingua pendente corcoveia e ulula, escuma e ruge! Ao clamor da turba, uiva e empina, como numa ameaça, atira as patas, attrita o casco e, escarvando o chão, lança um pouco de poeira sobre o bravo campeador vencido, — que agoniza e morre a sorrir, apertando as feridas rasgadas no peito ensangüentado, a sonhar, num clarão de gloria, que as gottas de sangue, em que se exhaure, são petalas de cravos rubros, de rosas, de papoilas vermelhas...

EDVARA CARMILA

Os engenheirandos da turma de 1931 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro escolheram a data do 57.º anniversario daquelle estabelecimento para a festa da sua collação de gráo, que se realizou, assim, na penultima quinta-feira e se revestiu de grande brilhantismo. Pela manhã daquelle dia, se celebrou, na igreja de São Francisco de Paula, a tradicional missa solemne que os moços da Polytechnica mandam celebrar em acção de graças pela sua formatura. A' tarde, pouco depois das 2 horas, realizou-se, no salão nobre da Escola do largo de São Francisco, a cerimonia da collação de gráo dos novos chimicos industriaes e engenheiros civis, electricistas e industriaes, estando á mesa da presidencia, ladeado pelos directores da Polytechnica e da Faculdade de Medicina, o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Fernando de Magalhães. Antes dessa solennidade, foram inaugurados a Secção dos Estudantes e, nesta, o retrato do professor Tobias Moscoso, e o do professor Licinio Cardoso, na sala da Congregação.

FARINHA *DE PAU*

O nome que o nosso povo dá á farinha de mandioca — de *farinha de pau* — já conta alguns séculos. Em 1676, na *Relation d'un voyage*, Dellon a elle se referia, dizendo que a esse alimento ordinario ou commum dos brasileiros os francêses denominaram [illegible] e os portuguêses *farinha de pao*.

A expressão popular nossa entrou na lingua e lá se foi para a Metropole. A gente e os escriptores de Portugal usaram-na. E ella navegou até a India, onde a encontramos, segundo o Tratado de frei Clemente da Ressurreição. Monsenhor Dalgado, incluindo-a no seu magnifico *Glossario*, accrescenta que, na India portuguesa, agora, inversamente, se diz da mandioca *pau de farinha*.

Assim, esse brasileirismo já se pode orgulhar de alguns fóros de nobreza...

E' nosso hospede, desde alguns dias, a sympathica e insinuante figura do commendador Piero Parini, director da Repartição dos Italianos no Estrangeiro. S. ex. traz uma honrosa missão: conhecer as necessidades das collectividades italianas da America do Sul. A nossa pagina focaliza o illustre visitante na séde da Embaixada de seu paiz, ao lado do embaixador Cerruti, e um aspecto do almoço que lhe foi offerecido pela colonia italiana desta capital.

EXALTAÇÃO

Véus a mim, docemente, ardendo de desejo,
E pões, em minha bocca, a brasa do teu beijo.
Estás tremula e branca. Até lembras a lua
Que despe o manto de oiro e fica toda núa,
Enchendo de volúpia as estrellas e as rosas...
Aperto, em minhas mãos, as tuas mãos nervosas...
Contemplamos a noite immensa que relumbra
Cheia de astros. E os dois ficamos na penumbra,
Sob o seu deslumbrante e doirado esplendor,
Sentindo o amôr! gosando o amôr! vivendo o amôr!

Filgueiras Lima

Linda, sob todos os aspectos, foi a festa que se realizou domingo ultimo, nos jardins do Collegio Sion, nas Laranjeiras, em beneficio da «Obra do Berço», por iniciativa de um grupo de damas da nossa alta sociedade. Para ella foi organizado um attrahente programma, no qual tomaram parte as alumnas daquelle estabelecimento de ensino, e que apparecem nos vários instantaneos desta pagina.

FILIGRANAS

O interventor paulista publicou um decreto permittindo a mendicidade, que tem sido vastamente glosado pelos estudantes, pelos jornaes e pelo espirito anonymo das ruas. E dizem que, em virtude do mesmo, a cidade de São Paulo se acha transformada num viveiro de mendigos verdadeiros e falsos, que lhe dão um aspecto do Pateo dos Milagres, ou melhor da Côrte dos Milagres, pois nella havia o Rei do Argot e o Duque do Egypto, com mil outros fidalgos da mesma fêlpa a mais.

Sem decretos de interventores, o Rio de Janeiro, especialmente nas ruas próximas á nossa redacção, pullula de mendicantes, sobretudo de miseráveis mulheres carregadas de filhos. E' uma verdadeira parada da fome em plena capital da Republica, sem que os poderes públicos tenham até hoje feito o menor gesto, esboçado a menor tentativa para minoral-a.

A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

Photos especiaes para FON-FON.

Pyjama de «micromaille» blanc. Jaquette de flanelle marine.

Costume de bain en jersey de laine gris et bleu.

Pyjama de plage en jersey de laine gris et bleu.

Costume de bain blanc et noir em jersey de laine.

TERÇA-FEIRA, 4 de agosto — Partimos. O «Sierra Ventana» caminha lentamente sob o ouro do sol. Debruçado na amurada, digo adeus ás pessoas queridas que agitam os lenços no cáis. Pouco a pouco deixo de distingui-las. Confundem-se na massa que olha a manobra do navio. E eu começo tambem a interessar-me pela beleza das montanhas, das ilhas e das praias.

Contemplo meditativo o panorama deslumbrante da Guanabara até que saímos á barra. Copacabana, batida por um raio de sol, se arqueia ao longe. O poente incendeia-se e nesse fundo de fornalha o Corcovado perfila-se todo coberto por um veu tecido de violeta e sangue.

O mar agita-se. O navio começa a jogar. E a noite desce, anunciada pelo colar das luzes nas avenidas distantes.

Quarta-feira, 5 de agosto — Amanhece um dia lindo. Percorro o navio todo. Quasi deserto. Menos de trinta passageiros. Entre eles, quatro brasileiros: eu, Sérgio Silva Filho, o professor Abreu Fialho e sua exma. esposa.

O mar, de rosas, mostra-se animado. Conto oito vapores em diversas direções.

A' noite, num dos tombadilhos, ha cinema. Fitas escandinavas soporiferas.

Quinta-feira, 6 de agosto — Mar de leite. Ceu muito azul. Monotonia. Repouso. Alimentação magnifica. Caviar aos montões. A' noite, dansas. Ha umas alemãs pavorosas que trotam nos braços de alguns alemães pavorosos ao som duma orquestra pavorosa. E eu rio como uma criança...

Sexta-feira, 7 de agosto — Mar e ceu imóveis, um como que refletindo a placidez do outro. Começo a jogar xadrez com o dr. Magariños, medico da imigração espanhola. O comandante do vapor conversa alguns instantes comigo. Fala-se de idades e ele atribue-me 28 ou 30 anos. Olhei comovidamente para a sua lustrosa e rubra careca com ímpetos de beija-la. Que alemão amavel!...

A' tarde, o repuxo duma baleia corta o azul das aguas, ao longe.

Sabado, 8 de agosto — O mesmo mar e o mesmo ceu. Raros peixes voadores. Sobre o Sahara do oceano, o navio é como um outro Sahara. Bocejo...

Arranjo mais tarde outro parceiro de xadrez, o jornalista inglês Julian Duguid, que vai para a Madeira depois de longa peregrinação nos sertões de Mato Grosso e da Bolívia. Homem interessantissimo, escreveu um livro magnífico sobre as regiões que percorreu, GREEN HELL, o mesmo titulo do volume de Alberto Rangel, INFERNO VERDE.

Ao entardecer, passam por nós dois grandes vapores, rumo do sul, rumo do Brasil. Vou dormir ás onze horas narcotizado por um film alemão. Antes de descer ao camarote, passo os olhos pelo negrume da imensidade que me rodêa. As luzes de Fernando de Noronha piscam nas trevas. Adeus, meu grande e pobre país!...

Domingo, 9 de agosto — Ceu lindo. Mar lindo. Dia lindo. Nem nuvens em cima, nem navios em baixo. A' noite, jantar de gala comemorando a passagem do equador. O comandante faz um discurso e batiza os poucos neofitos em nome de Netuno com um pouco de champanhe. Baile e ceia no convés. E eu penso, a um canto, tirando fumaças do meu charuto baiano em como teria sido delicioso, com tal dia, o domingo em Copacabana...

Segunda-feira, 10 de agosto — O mar é um lago. Melancolia. Os bôtos amarelos acompanham a marcha do paquete. Estamos agora verdadeiramente ao largo, na rota das ilhas de Cabo Verde, tão longe das costas do Brasil quanto das da Africa. Durante o dia todo nada perturba a infinita planície azul escura em que sorriem as espumas á luz. Melancolia...

A noite cai negra e silenciosa sob o açoite inesperado duma chuva tropical.

Terça-feira, 11 de agosto — A chuva cessou pela manhã cedo. De novo, o bom tempo. Mar manso. Ceu manso. Vento manso. Durante horas, o comandante mostra-me e explica-me os maravilhosos aparelhos de segurança do navio: contrôles de rumo, de incêndio a bordo, de nevoeiro, de comportas. Tudo é tão perfeito que a gente se julga seguro tanto quanto possível á face traidora do velho mar. E eu penso em Xearco, nos normandos, em Colombo e nos outros que tão altas cousas fizeram sem tais aparelhos...

Quarta-feira, 12 de agosto — Gaivotas avoejam sobre as ondas levemente picadas. A alta silhueta azul dum monte barra o fundo do horizonte. Levamos a prôa sobre o arquipelago de Cabo Verde. E eu vejo o mesmo recorte de rochedos áridos que ha 12 anos avistei nestas paragens, buscando a Europa logo depois do armistício. Passamos a uma milha da ilha do Fogo. O pico dum vulcão extinto perfila-se a uns tres mil metros sobre as aguas. Manchas verdes aveludam aqui e ali as rochas asperas dessa testemunha de lava e de granito da Atlantida submersa. A vista da terra corta um pouco a monotonia de bordo.

Entre os passageiros, acha-se um comunista de primo cartello — o representante comercial dos soviets em Montevidéu. O sr. Odign é um homem de 35 a 38 anos, forte e de feições felinas. Fala varias linguas. Veste com apuro. E' quem mais luxa a bordo. Camisas de seda. Charutos de Havana. Vinhos do Reno. Sabe gosar a vida. A seu respeito diz-me uma senhora uruguaia com maliciosa simplicidade:

— Doutor, o sr. não acha que, para ser fiel aos principios de sua doutrina, ele deveria vir em terceira classe de casquete e caximbo?...

Quinta-feira, 13 de agosto — Ha nove dias deixei o Rio e ainda me acho ao meio da viagem. Mar picado e vento de través. Visito com um official as possantes machinas do navio. Vou até o túnel das helices e ouço uma curiosa explicação de como se deu o desastre do «Principessa Mafalda». Dia longo e cheio de saudades...

Sexta-feira, 14 de agosto — Na manhã clara, um grande cargueiro inglês passa muito próximo, levemente balançado pelas ondas azues.

(Photo De los Rios). Dr. Olivio Vieira Filho recem-formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e um dos brilhantes elementos da turma de 1931.

O comunista vem falar comigo. Conversamos mais de uma hora. Verifico sem surpreza que nunca abriu um livro de Kropotkine, que desconhece Engels e que somente de nome sabe quem é Karl Marx. Puxa-lhe pela lingua. Não é russo. E' da Letônia. Foi militar. Pertenceu aos corpos de mercenarios letões que ajudaram a implantação do bolchevismo num mar de sangue. Tem um certo verniz de sociedade e sabe de cór os lugares comuns da doutrina. E é só.

Sabado, 15 de agosto — Acordo e pela vigia avisto um bando de gaivotas. Devemos estar á vista de terra. Visto-me e subo á coberta. Duas das Canarias, das velhas ilhas Afortunadas azulavam no horizonte: Ferro e Palma, com seus asperos pi-

O professor Custodio Fernandes Góes, do Instituto Nacional de Musica, recebeu, por occasião do encerramento das aulas naquelle estabelecimento, carinhosa homenagem das suas alumnas, tendo discursado, em nome de todas, a senhorita Neida Cavalcante, que ahi se vê ao lado do homenageado e entre as suas demais collegas.

fortes de montanhas. E eu saúdo de longe as antigas Makarani, cuja lenda, desde os fenicios e os gregos exaltou durante milênios a imaginação dos aventureiros...

O mar é uma seda azul. Pela tarde alem, como uma nevoa mais azul, recortam-se na distancia as montanhas de Palma. O ocaso é uma maravilha de formas, de côr e de solene tranquillidade. O mais belo ocaso que já me foi dado vêr.

GUSTAVO BARROSO

(da Academia Brasileira).

Realizou-se na Escola Normal uma grande reunião do magistario municipal, que, especialmente convocado pelo sub-director-technico da Instrucção Publica, foi ouvir a palavra do dr. Izaias Alves acerca do novo systema de tests a serem adoptados nas nossas escolas primarias.

A boneca de Luiz Fernando

ERA uma velha mania a de Luiz Fernando. Desde pequenino, costumava dizer a todo mundo:

— Quando eu fôr grande, hei de casar com uma moça bonita, como a tia Lulú.

E a tia Lulú, uma deliciosa morena de dezoito annos, olhos immensos e negros como um grande peccado, tomava-o nos braços e perguntava-lhe, aos beijos:

— Só bonita, "seu" pirata"?

— Só!

Moço, volvidos tantos annos, Luiz Fernando ainda não perdêra aquella mania. Tornára-se um dos escriptores mais queridos, no Rio. Com 20 annos apenas, já publicara alguns contos interessantissimos e algumas poesias da mais fina sensibilidade, cheias de um lyrismo encantador, poesias que creaturas lindas recortavam dos jornaes e liam á noite, muitas vezes, antes de se entregar ao somno. Havia, sobretudo, uma poesia, "Remorso", que andava por todos os lindos labios da grande cidade. Luiz não chegava para as encommendas. Disputado para recitar em todas as festas, solicitado para escrever em centenas de albuns, não lhe sobrava tempo para coisa alguma. Já pensára mesmo em arranjar uma secretaria para responder ás innumeras cartas que recebia das suas admiradoras e que lia sorrindo, sorrindo, deixando-as, quasi todas, sem resposta.

Agora, andava Luiz Fernando trabalhando um romance — Mirósinha — já annunciado pela imprensa e esperado mesmo com certa ansiedade, por que seria o seu primeiro romance.

Mas, apesar de tudo isso, apesar dessa pequenina auréola de gloria, que começava a ornar-lhe a fronte, não perdêra ainda aquella mania antiga: — casar com uma morena bonita como a tia Lulú.

— E quando eu casar, hein, tia Lulú?

— Deixarei de ser a mais bonita daqui, não é isso que me queres dizer?

— Não. Deixará, apenas, de ser a unica muito bonita.

— Então, sempre queres uma boneca?

— Sim, e cada vez mais. Uma joven linda, linda, muito linda, você diz bem: uma boneca. Deus me livre de rezadeiras e suffragistas! A mulher foi uma bonequinha que Deus entregou ao homem para que este, morto de tédio, supportasse melhor a monotonia do paraiso. E, como boneca, deve ser bella, acima de tudo.

— E si encontrares uma sanhadeatura...

— Não, tia Lulú, eu me sentiria humilhado deante della, com a minha vida cheia de peccados. E os humilhados não podem amar.

— E não queres que a tua boneca seja instruida?

— Para acontecer-me o mesmo que áquelle personagem do poema de Baudelaire, cuja amante se poz, um bello dia, a estudar chimica?

— E que foi que succedeu?

— Desde ahi, elle sentia entre os seus labios e os della uma fria mascara de vidro e os seus beijos deviam ter um gosto horrivel de drogas.

— Mas... si ella fosse uma escriptora, uma poetisa e désse opinião sobre o que escrevesses, chamando-te a attenção para uma scena mal traçada, para um verso menos harmonioso?

— Não, tia Lulú. Você se lembra do que o velho Camillo dizia: "A mulher escriptora, por via de regra pouco exceptuada, é um homem por dentro". E eu quero uma mulher-boneca, com todos os defeitos e encantos das mulheres que vieram ao mundo para o perderem.

— Mas, que será de ti ao lado de uma mulher sem espirito?

— "O principal agente do espirito de uma mulher é a sua modista".

— Então, uma boneca mesmo, Luiz Fernando?

— Uma perfeita boneca, que só se occupe com a sua belleza, o dom supremo que Deus deu á mulher.

— Emfim... vejamos o que o destino te reserva, meu querido louco! E oxalá não te venhas a arrepender!

Passaram-se alguns mezes. Certa noite, no Municipal, em um intervallo, passeando pelo corredor das frisas, encontrou-se o joven poeta com o Flavio, um amigo muito intimo, que lhe disse, num abraço:

— Oh! Luiz Fernando, parece de proposito! Acabámos de falar em ti.

— Acabámos? Tu e quem mais?

— Eu e uma adoravel menina que te deseja muito conhecer. Vem commigo.

E, travando-lhe do braço, levou-o pelo corredor. Logo adeante, empurrou a porta de uma frisa, pediu licença e entrou com Luiz Fernando. Sentados, viam-se um casal e uma joven, morena, de grandes olhos verdes, rasgados, bocca pequenina, debruada a purpura, cabellos negros como uma noite sem luar. Ao contemplal-a, o escriptor estacou e não poude deixar de exclamar baixinho:

— A minha boneca! Finalmente, a minha boneca!

Mas, já a esse tempo, o amigo dissera:

— Vão dar-me permissão para apresentar-lhes o meu melhor amigo, o meu muito querido Luiz Fernando, que todos já conhecem tanto de nome, sobretudo a Myriam. Dr. Pedro de Souza Cavalcanti e senhora; senhorita Myriam Cavalcanti.

Luiz Fernando, meio tonto ainda da visão, cumprimentou, num forte *shakhands*, o velho Cavalcanti, beijou respeitosamente a mão á senhora e, deante de Myriam, em extase como deante de uma deusa, fechou-lhe longamente na sua a mão delicada e alva como um lyrio:

— Encantado de conhecêl-a, "mademoiselle".

— Tambem eu, sr. Luiz Fernando.

Luiz Fernando sentou-se a seu lado, em uma cadeira que o dr. Pedro lhe offerecêra, e ficou immovel, alheiado de tudo, a admirar a sua boneca. Era mesmo o seu sonho de tantos annos. Myriam, percebendo-lhe o extase quasi religioso, rompeu o silencio:

— Eu já o conhecia muito, sr. Luiz Fernando.

— Quer fazer-me um obsequio, "mademoiselle"?

— Pois não.

— Chamar-me apenas Luiz Fernando.

— Mas, assim, logo da primeira vez?

— Não acabou de dizer que já me conhecia? Então? Somos velhos conhecidos...

— E você tambem me chamará de Myriam, "tout court"?

— Si consentir nisso.

— Peço-lh'o.

— Está feito o contracto. Nada de cerimonias!

— Eu lhe dizia, meu amigo, que já o conhecia e, realmente, assim é. Tenho lido todos os seus contos e, sobretudo, as suas poesias, que tenho colleccionadas em um album.

Luiz Fernando, áquella palavra, despertou da beatitude em que mergulhára. Seria possivel que tambem ella tivesse um album e lhe fosse pedir um autographo?

Mas a joven proseguiu:

(Continúa na pagina 50)

Conto de Paulo Gustavo

Alto-Falante

— Tu não me amas, não me comprehendes!...

— Se te amo!... Se te comprehendo!... E's uma mulher como as outras...

— E, por cima, ainda me insultas!

— Insulto-te? Mas, que te disse que te pudesse magoar, que pudesses receber como um insulto, meu amor?

— Nada, quasi nada. No emtanto, sei bem o que queres dizer com esse teu irritante, impertinente, "és uma mulher como as outras". Uma mulher como as outras... Sim, realmente antes fosse uma mulher como as outras porque, então, não te teria amado e seria feliz, muito feliz mesmo...

— Que queres dizer? Achas, então, que te fiz infeliz, que o meu amor...

— O teu amor! Ah! Tem graça, isso... O amor de um homem... Os homens são sempre os mesmos! Uma mulher, a mais ou a menos, na vida delles pouco adianta. E' banal isso, como é, também, banalissimo, o amor, a loucura do amor que se lhes possa devotar! Quando me lembro... Agora, porém, é tarde. O arrependimento sempre vem tarde...

— Tens razão, em parte. Mas, ainda podes refazer a tua vida, encontrar essa felicidade que não te deu o meu amor, meu pobre amor de homem pobre. Não te enganei nunca. Falei-te franco, sinceramente. Quando disse que te comprehendia, que eras uma mulher como as outras, é porque ha muito sentia tudo isso que ias, hoje, o motivo do teu arrependimento...

— Hein? Estás louco? Tu falares-me assim!... Tu magoas-me desta maneira!

— Choras! Por que? Tranquilliza-te. Saberei renunciar a ti, ao teu amor, ao teu carinho, á consolação única que ainda me restava na vida, para que sejas feliz... E's nova, cheia de encantos e de graça... Outro homem... Sim, encontrarás um outro que realize a tua felicidade, o que entendes por felicidade...

— Escuta, querido, meu queridinho, não sejas tão injusto e cruel assim! Quando te digo que não me comprehendes...

— E' que queres dizer que fiz a tua infelicidade...

— Sim. E' isso mesmo, ouviste? Seria, realmente, uma mulher feliz, muito feliz se não...

— ... me tivesses encontrado...

— Se não te tivesse amado como te amo, como te amei, porque, agora, já não te quero mais, já não te amo mais... Odeio-te... Sim, odeio-te!... E's revoltante na tua maldade, no teu egoismo... Amor de homem é sempre assim. Brutalidade. Estupidez..., depois de um momento de exaltação dos sentidos...

— Maria Lucia, minha filhinha, vem cá... Vem...

— Não! Não... não te quero mais... Adeus...

— Escuta, queridinha... Minha adorada... Perdoa-me. Não te quiz magoar... Talvez me tenha excedido um pouco... Tu, porém, me feriste, também... Sabes, queridinha, sou pobre e sempre que dizes que não te faço feliz, fazes-me soffrer loucamente. O meu orgulho, a minha revolta interior por não poder realizar completamente a tua felicidade... Toda a tua felicidade...

— Que tu realizas, meu amor...

— Ha pouco disseste que não...

— Sim, tambem revoltada, porque tenho medo de ti, que me faltes, que não me ames tanto quanto te amo!...

— Louquinha... Sabes, sentes que te amo doidamente...

— Não o sei... O que sei é que és a minha vida, toda a minha felicidade.

— Uma felicidade um tanto amarga, hein?...

— Não: doce, muito docesinha e gostosinha como este beijo... Como o teu beijo quente... O teu beijo de mel e fogo...

— Meu amor! Minha adorada! Dize... Repete que me amas, que me amarás sempre, sempre...

— Sempre... Sempre... Beija-me... Beija-me mais... E' tão bom fazer as pazes, não é? Perdoar... Esquecer o soffrimento... tudo, num beijo, é ser feliz...

— E' amar, sim, queridinha, é amar, porque o amor, todo grande, immenso amor é feito de soffrimento e de perdão...

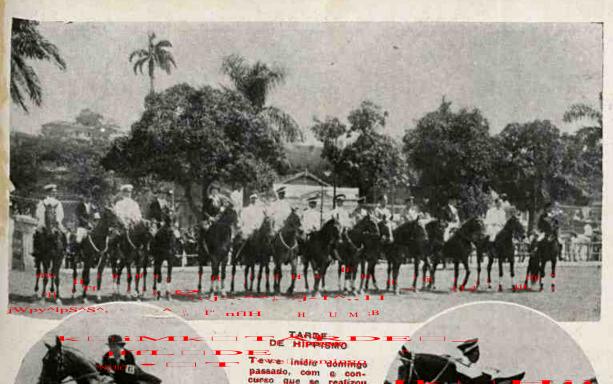
— Sim. Amar é soffrer e perdoar sempre... E' viver... E' realizar, no minuto de um beijo, a eternidade de um sonho de felicidade... Como sou feliz... Como me sinto feliz dentro do teu amor, dentro do teu infinito carinho...

— E tu és a alma do meu carinho... O sangue, vermelho e quente, do meu amor... A suave canção da minha felicidade. Todo o sentido, toda a expressão, toda a razão de ser da minha vida como sentimento, como espiritualidade, como fé e como illusão...

Sylvio Figueiredo, nosso collega de imprensa, escriptor e artista de nome firmado entre nós, lançou esta semana o seu novo livro — «Contos que a vida escreve», collecção de historias dramaticas, de cunho realista, escriptas num estilo elegante e com apreciaveis qualidades literarias. Duas fantasias satyricas, reveladoras da verve sárcastica do autor, fecham a série de contos de Sylvio Figueiredo, que escreveu, na opinião de Carlos Maúl, o prefaciador da obra, «um grande e nobre livro em que ha humanidade». «Contos que a vida escreve» traz, na capa, um artistico desenho de Oswaldo Teixeira.

O dr. Anisio Spinola Teixeira, actual director da Instrucção Municipal, é um technico dos mais autorizados em matéria de ensino. Com a indicação de seu nome para aquelle alto posto, ficou o ensino publico do Districto Federal sob a direcção e orientação de um profissional competentissimo, devotado inteiramente á grande obra que vem realizando. Alliando aos seus admiraveis recursos mentaes e culturaes, á sua capacidade de trabalho e á sua segurança de acção, os attributos pessoaes que marcam o «gentleman» irreprehensivel, que é, o nosso illustre patricio, certo prestará inestimaveis serviços ao importante departamento de trabalho que lhe foi confiado. «Master of Arts» em educação, pela Columbia University, o dr. Anisio Teixeira, além da sua viagem de estudos pelos Estados Unidos, esteve, tambem, na Belgica e na França, em contacto com os principaes institutos de ensino desses paizes. Escriptor primoroso, tem publicadas as seguintes obras: «Aspectos Americanos de Educação», «O Ensino no Estado da Bahia», «Vida e Educação — Esboços da theoria de educação de John Dewey», e «Por que Escola Nova?»

* * *

TARDE DE HIPPISMO

Teve inicio domingo passado, com o concurso que se realizou no Campo de São Christovão, a «Semana Hippica» promovida pela Commissão de Hippismo do Exercito, e que vem alcançando brilhante exito graças ao enthusiasmo dos apreciadores desse empolgante sport. As provas hippicas de domingo, na velha praça Marechal Deodoro, foram disputadas animadamente por varios cavalleiros, civis e militares, e até por elementos femininos do Club Sportivo de Equitação, que proporcionam momentos de forte emoção á fina assistencia que os applaudia. A nossa pagina focaliza expressivos flagrantes da tarde hippica de domingo, no Campo de São Christovão.

INGRATIDÃO

A ingratidão vem, frequentemente, do orgulho. A idéa de dever a alguem qualquer coisa que não lhe póde pagar irrita de tal modo um orgulhoso, que se transforma em sua idéa fixa e acaba levando o odio aonde só devia existir o amor.

Tal estado de animo depende muito tambem da attitude pouco discreta daquelles que, sem recordar explicitamente que fizeram favores, procuram, no emtanto, que o favorecido os recorde.

Amado Nervo

Nocturno Sentimental

Livio Renault

Não sei porque
eu me lembrei de você,
nesta hora quieta da noite,
em que o proprio pensamento se cala,
e escuta o silencio...
de você, que é na minha vida uma sombra distante.
E cheguei até a vê-la junto do meu coração
palpitante...
Deu-me tanta saudade de você,
que fui para a janella olhar para as estrellas,
todo em emoção,
sonhando com você...
Longe um gallo soluçava com magoa
no silencio cheio de você...
(Um astro no azul fugiu.)
E eu olhei a noite faiscante...
E o céu cheiinho de estrellas se reflectiu
nos meus olhos rasos dagua...

Sua eminencia o cardeal-arcebispo d. Sebastião Leme esteve, na semana passada, em visita pastoral, na parochia do Engenho Novo, onde foi recebido com as honras devidas á sua alta dignidade de principe da Igreja. As associações catholicas e a população local prestaram significativas homenagens a sua eminencia, que visitou a matriz e alli recebeu as manifestações de respeito dos parochianos do Engenho Novo, ouvindo discursos e falando, tambem, commovidamente, áquelle povo religioso. Formou-se, depois, um cortejo, em que d. Sebastião, levado em triumpho, sob o pallio, percorreu as principaes ruas daquelle grande arrabalde carioca. A nossa pagina focaliza aspectos da visita pastoral do cardeal á parochia do Engenho Novo.

GOTTAS ESPIRITUAES

Os homens que gostam das mulheres, que são da mesma classe das mulheres que gostam dos homens: não é a melhor. Não me atrevo a dizer que é a peor. *Hughes le Roux.*

Quando amamos, somos uteis. Quando nos amam, somos indispensaveis. *Stevenson.*

Os salões do Botafogo F. C. movimentaram-se galantemente, na noite do ultimo sabbado, por motivo da brilhante festa que alli realizou o Standard F. C. para os seus associados. Dançou-se até alta madrugada e houve, durante a esplendida reunião mundana, uma alegria communicativa, que a chuva não conseguiu arrefecer, porque cahia do lado de fóra, e os salões estavam quentes e floridos de lindos sorrisos.... Estampamos aqui um dos grupos femininos que animaram a festa do Standard F. C., e os directores do club presentes á mesma, vendo-se, entre outros, os srs. D. Grassani e L. L. Gray.

LUZ E MARIPOSAS

Tu sabes que és bonita e tens arrogancias adoraveis. Qual arrogancia, tambem, não será adoravel numa mulher bonita?

Indiscreto, bispei certa vez, com delicia, uma pagina do teu diario. Dizias dos namorados que queimam as azas na combustão voltaica dos teus olhos:

"Queixam-se de mim? Ninguem tem motivos. Si as mariposas existem, não foi a luz quem mandou."

Como te enganas! As mariposas só existem porque ha luzes.

Eu sei disto desde criança. Aprendi-o no Segundo Livro de Leitura.

Como estás muito ignorantinha, vou contar-te a genese dos luzeiros e borboletas:

O céo era um cortinado de setim azul, muito liso, onde Deus tinha pincelado umas nuvens brancas. A luz ficava do outro lado.

Um dia, o Creador quiz fazer os astros. Tomou de uma thesoura e deu uns piques.

Cahiram na terra, esvoaçantes, uns pedacinhos de céo e, logo, a luz das estrellas...

"E foi assim que nasceram As borboletas azues."

Fica sabendo disto.

Agora, si não queres queimar as pobres phalenas, esconde a tua flamma hydrogenada de estrella branca.

.. ..

ALMEIDA COUSIN

(De "Cartões a Lúlace" — inédito).

ARTE MUSICAL

Amelia Brandão, compositora, pianista, a maior interprete do «folk-lore» nortista. Ella não é, apenas, a grande compositora, a quem já devemos um sem numero de canções magnificas. Porque, sobretudo, a talentosa artista brasileira se acha patrioticamente empenhada numa campanha sem desfallecimentos em favor do soerguimento da musica popular, que estuda nas suas fontes, nos seus elementos fundamentaes, creando, assim, um repertorio cheio de força, de emoção propria, com os motivos do norte do Brasil, que tão bem traduzem o legitimo canto nacional, na sua legitima expressão, tristeza, alegria e brejeirice.

TREPAÇÕES

A candidata ao premio do concurso de pyjamas ficou desolada com o seu insuccesso.

Agazalhou por tanto tempo a esperança de deslumbrar a assistencia (com que roupa?...), e, por fim, nem siquer a graça de um simples registo nas columnas mundanas dos jornaes...

Realmente, *mademoiselle* foi de um caiporismo nunca visto, nos annaes das festas que abalaram ultimamente a curiosidade de toda a cidade.

De futuro, si nos permittir, daremos um conselho razoavel á nossa distincta amiguinha.

Essa historia de apparecer na praia, em pyjama, é coisa muito séria...

E' preciso, para enfrentar o publico, sem cahir no ridiculo, reunir um conjuncto de qualidades, e, sobretudo, ser bella de rosto.

Não é qualquer *cara* que póde surgir de pyjama, na rua, para se fazer applaudir pela massa curiosa e exigente...

Mademoiselle illudiu-se porque quiz.

Não foi certamente por falta de espelhos em casa...

VIVIAM como os anjos no céo. Nem uma nuvem toldava a alegria do lar.

Os dias corriam cheios de encantos, pois elle, pela manhã, partia para o trabalho pensando sempre na hora do regresso, quando encontrava, no portão do jardim, dois braços niveos, muito brancos, braços amorosos que o enlaçavam, dando-lhe a certeza de que a felicidade existia...

Ella vivia encantada com o maridinho, apontado como exemplar, modelo, para aquellas amiguinhas que almejavam ser felizes.

E tanta reclame ella fez do marido, das virtudes do esposo, que este resolvêra sahir dos trilhos, tomando caminho errado...

Encarregou-se de desviar o rapaz da róta traçada para a vida de casado uma das mais chegadas amiguinhas da esposa do nosso heróe.

Elle agora não regressa á casa com aquella pontualidade *ingleza*, precisa, mathematica, regulada pelos ponteiros do relogio que a esposa lhe afivelara no pulso.

A hora official avançou o ponteiro dos relogios, e a do nosso amigo desandou para traz...

As suspeitas da esposa já cresceram, transbordando em lagrimas, que se misturam aos rógos para a volta da felicidade do lar.

Debalde, tudo debalde, porque elle nada ouve, nada vê, está cego e surdo, está loucamente fascinado pela amiguinha de *madame*.

Como vae terminar o negocio, não sabemos.

São interrogações que pairam no ar...

Em desquite?!

E, depois de desquitado, elle desposará a causadora do desmoronamento do seu lar?...

SEMPRE á mesma hora, ella passava em direcção ao trabalho e, da janella, todos os dias, seguiamos o bonde, até a curva da rua, para a felicidade de um sorriso que envolvia uma promessa; nada mais...

A vida é feita de imprevistos, máos alguns, outros deliciosos, pensavamos em silencio, e, por fim, alma alvoroçada, a figurinha bailando deante dos nossos olhos, torturando...

Qualquer dia, vae conceder-nos a ventura de alguma coisa mais que um sorriso, ou então...

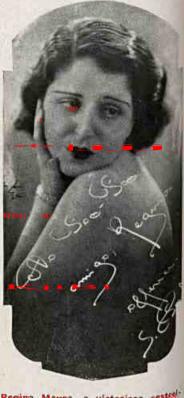
O bonde, certa vez, passou, e ella não estava.

Dormiu demais, está fóra do horario, está doente, uma serie de hypotheses, mas, nada da charada decifrada.

Alcançamos a primeira conducção que nos levou á cidade, e quando subiamos a Avenida, lá estava a garota, sorrindo o seu claro sorriso...

Ao lado, um coronel *de verdade*. Um velho reformado, que ainda tem a fortuna de cercar meninas na rua, e ser pelas mesmas attendido! Seguimos, sem olhar para traz, porque haviamos comprehendido tudo.

A vida é assim...

Alzira-Rosa é filha do editor Getulio M. Costa, homem que gosta de livros e de autores... bons. Dahi a sua predilecção pelas brochuras que vae encontrando onde chega. Até na mesa do photographo...

Regina Maura, a victoriosa «estrella» da Companhia Procopio Ferreira e um temperamento de verdadeira artista, está rutilando, ao lado de seu grande mestre, nos palcos de São Paulo, onde tem alcançado successos retumbantes, conquistando novas glorias para o seu nome e para o theatro nacional.

O primeiro foi um advogado, e por signal que duro...

O segundo foi um medico, que não demorou. Não sabemos si *madame* implicou com as lentes dos oculos do rapaz...

O terceiro foi um architecto, que fez estagio longo, demorado.

Quando nós pensavamos que *madame* havia acertado, o architecto foi substituido por um mocinho de profissão ignorada, authentico *almofadinha*, sem eira nem beira...

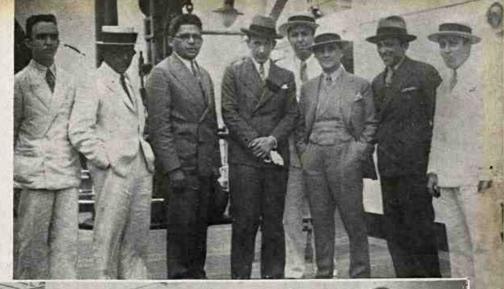
Palpitamos, porem, que essa nova aproximação vae durar, pois o mocinho dispõe de todas as horas do dia e póde ficar arrulhando nas areias fulvas de Copacabana, de manhã até o cahir da noite.

Si os nossos calculos falharem, o mocinho deve ser substituido por um militar, o que agora é de grande effeito.

Depois poderá apparecer um negociante, até completar a lista de todas as profissões, e, então, *madame* desfructará de uma pitada de celebridade, o que é sempre muito *chic* entre gente da *alta*...

Quando chegar a vez do jornalista, lembre-se *madame* que nós estamos á sua inteira disposição...

Por occasião do seu recente regresso do Rio Grande do Sul, o dr. João Neves da Fontoura foi alvo de significativas homenagens nesta capital, promovidas pela Alliança Liberal, de que o illustre politico gaúcho é um dos elementos prestigiosos. Essa imponente manifestação de apreço, foi-lhe prestada como expressão de applauso e regosijo pelo exito da campanha pró-constitucionalização do paiz, de que o illustre «leader» se constituiu um dos mais autorizados pioneiros neste momento da vida nacional.

GLYCINIAS

Onde estão os teus olhos? Onde esplende a tua fascinação côr de oiro? Onde brilha o teu claro sorriso de princeza, que tantas vezes illuminou a minha vida? Qual o coração feliz que possúe hoje o teu coração de borboleta do amôr?...

Ainda não te esqueci. Ainda tenho nos meus olhos desolados a graça da tua figurinha irrequieta e luminosa. Lembro-te a cada instante. A cada instante, evoco, num suspiro de saudade, as nossas distantes horas de ventura. Aquellas horas assustadas, azúes como os teus olhos, aquellas horas subtis e doces, que passavam correndo, correndo, medrosas como a felicidade...

Ainda não te esqueci. As horas, agora, passam devagar, para mim... Passam devagar porque me encontram sozinho, melancólico e pensativo, e, piedosamente, querem fazer-me companhia...

Meu lindo amôr, por que não vens expulsar as horas, da minha vida?...

A turma de pharmacolandos de 1931, da Escola de Pharmacia e Odontologia de Alfenas, Estado de Minas Geraes. Destaca-se no quadro a photographia do respectivo paranympho, pharmaceutico Amelio da Silva Gomes.

Decorreu brilhante e animada a ultima festa que se realizou na séde do Orpheão Portuguez, e em que os orpheonistas se fizeram ouvir com successo pela numerosa assistencia que enchia os salões da rua dos Andradas. A presente gravura fixa um aspecto dessa reunião, vendo-se ahi, em companhia de membros da directoria do Orpheão, a formosa senhorita Leopoldina Bello e outras candidatas ao titulo de «Rainha da Colonia Portugueza no Brasil».

BANZE'

Banzé é uma palavra tão aclimada na nossa lingua que parece inteiramente nossa. Já lhe puzemos até um rabo e dizemos brasileiramente — Banzé de Cuia... Entretanto, ella entrou para o idioma vindo do oriente. Monsenhor Dalgado regista-a no seu "Glossário Luso-Asiatico", como sinónimo de folgança, desordem, tumulto, o mesmo significado da nossa giria. Consiglieri Pedroso e Gonçalves Vianna inclinam-se a acreditar que vem do vocabulo japonês *banzai*. Este significa literalmente *dez mil annos* e é usado como saudação ao Mikado. E' o *viva!* imperial do Japão. Do grito, da aclamação que agita as multidões niponicas aventa Venceslao de Morais é que deve derivar o termo português, notando-se que a nossa pronuncia delle se aproxima da forma japonica de pronuncia-lo.

O ULTIMO PELOTAO

Productor

JOY MAY

Director

KURT BERNHARDT

Personagens

CONRAD VEIDT

KARIN EVANS

A linda e corajosa moleirinha que partilhava da sórte do ultimo pelotão.

ERA pelo sexto anno de guerra entre as tropas de Napoleão e o exercito do rei da Prussia, muito antes que o general Bluecher, em Leipzig e em Waterloo, tivesse destruido o poderio militar do grande corso. Durante uma noite inteira, as duas facções inimigas haviam combatido ferozmente num campo perto de Jena e, ao raiar da madrugada, o terreno estava talado por toda a parte e, por toda a parte, só se ouvia um grito perdido que parecia não encontrar eco: "Pelotão Burk! Pelotão Burk!"

Quando o sol já ia alto, após uma tragedia verdadeiramente infernal, só restavam do lado prussiano treze granadeiros quaes espectros de miseravel aspecto humano. O commandante Burk reunio os doze homens que lhe restavam da terceira companhia para ler uma ordem tra-

Era a providencia que apparescia aquelles soldados esfaimados.

zida por um mensageiro, vinda do Quartel General e assignada pelo coronel von Meissling: "O vosso pelotão deverá occupar, immediatamente, o moinho que existe, a um quarto de milha, ao nordeste de Reinersdorf, onde se entrincheirará para defender a estrada que conduz á ponte sobre o rio Saale, contra ataques do flanco francez."

Ordens são ordens! O moinho foi occupado: da casa onde se fabricava o pão de cada dia tiveram

Os soldados queriam convencel-a a partir.

ordem de sahir o velho moleiro, sua esposa, uma pupilla chamada Dore, e alguns servos fieis. O commandante Burk manda barricar o moinho e depois colloca os seus granadeiros nos diversos postos de defesa. Uma ordenança é enviada ao Quartel General com o pedido de reforço immediato, pois treze homens formam um pelotão de ridiculo valor militar, capaz de enfrentar o ataque em vista de milhares de inimigos. Durante a noite seguinte, quando a soldadesca procurava esconder, ao som de canções plangentes, o horror de uma morte mais do que tragica, a linda Dore, já tomada de amores por Burk, volta ao velho moinho para consolar um pouco com sua bondade de mulher, a alma angustiada daquelles escravos da honra e do dever. Burk, estarrecido deante da coragem de Dore, não quer consentir no pedido que a mocinha lhe faz para ficar ao lado dos heroicos granadeiros d'"O ultimo Pelotão". Tão insistentes, porém, são as supplicas da formosa donzella que, afinal, o coração do valente official cede ante á ternura da pupilla do casal de moleiros.

Raiava novo dia e ainda não tinha chegado o reforço militar que Burk mandara pedir insistentemente. De repente ouve-se o grito de uma sentinella avançada, denunciando a approximação do inimigo. Effectivamente, ao longe, podia-se ver o grosso do exercito francez, marchando através um pantano enorme. Minutos depois ouvia-se distinctamente o relinchar dos cavallos de uma brigada montada que fazia a vanguarda do ataque formidavel. Burk já havia disposto seus homens para a heroica defesa e escondido Dore no porão do moinho. Inutilmente esse official tentara convencer a pequena a retirar-se, de madrugada, para evitar que ella morresse ingloriamente. Dore disposta a qualquer sacrificio conservara-se ao lado dos homens de guerra. Já a algumas dezenas de metros do moinho, o inimigo estaca e offerece a Burk a vantagem de uma capitulação honrosa. O chefe militar dos valorosos granadeiros repelle a offerta e manda abrir fogo contra os invasores. A luta começa. Caem sobre o moinho as primeiras balas do inimigo, que são correspondidas pelos disparos de treze carabinas de infantaria.

Entrementes, algumas divisões do exercito prussiano conseguem atravessar a ponte sobre o rio Saale, ficando assim salvos varios milhares de soldados. Os francezes augmentam a intensidade do ataque até que os fusis prussianos silenciam por completo. O coronel francez com alguns officiaes entra no moinho e depara com um quadro realmente pathetico: no chão jazem mortos treze homens componentes do heroico e "Ultimo Pelotão" — e ao lado do commandante Burk, num grande abraço de amor, o corpo franzino de Dore.

O coronel e seus officiaes descobrem-se com reverencia ante os cadaveres dos inimigos como uma prova de admiração pela heroicidade de treze verdadeiros patriotas.

SEI TU L'AMORE

PRODUCÇÃO DA ITALOTONE FILME PRODUCTIONS

Com Luiza Caselotti, Alberto Rabagliati.

Tinham feito della uma rainha.

GEORGINA, costureira, orphã, pobre, enamorada e idealista, sendo abandonada pelo noivo, resolve suicidar-se, deixando acceso o bico de gaz de seu quarto. Uma visinha, que por acaso a encontra, soccorre-a a tempo, mas, não sabendo o que fazer da pobrezinha ainda meio desmaiada, bate á porta de um engenheiro que habita no andar de baixo.

O engenheiro encontra-se, neste momento com alguns amigos, jogando "pocker", até chegar a hora de ir ao theatro e a chegada daquella joven, suscita, naturalmente, o interesse dos tres amigos.

Georgina, mais calma, conta aos tres homens a sua historia, e depois come e bebe e tudo aquillo que diz ou faz é tão interessante que os tres homens se sentem ao mesmo tempo tomados de uma grande vontade de protegel-a desinteressadamente. Assim, antes de irem, deixando a moça recostada sobre uma cadeira, fazem um pacto de adoptál-a.

O acto é apresentado á moça com uma condição: — que, acceitando a tutela dessa trindade, ella se compromette a não conceder nada, separadamente, a nenhum delles, a não ser com a sciencia prévia dos dois outros.. Georgina jura que respeitará a clausula... Ella está encantada com Mario, um pintor de fôrros de casa, com quem passa alguns minutos junto de um regato, completamente embevecida por um sonho de amôr. Georgina conhecera Mario na casa do engenheiro, na noite em que havia tentado contra a vida. Georgina depois emprega-se numa casa de modas de uma tal Mme. Ferloché.

Porque não tentaria levar os seus protectores até isso: — contar-lhes o negocio e elles a fazerem directora delle?

Um que estava faltando ao compromisso.

Eis que o seu plano vae de encontro aos ciumes de Mario, o qual, desesperado pela assiduidade com que ella permitte a visita dos seus protectores, se apresenta mascarado de menestrel, durante uma festa dada em honra della, e canta o seu amôr torturante, arrancando, depois, a mascara e beijando-a escandalosamente.

Os tres protectores comprehendem aquelle amôr e resolvem deixal-os em paz, satisfeitos por terem praticado uma bôa acção.

*** — Mme. Helena Pinto de Carvalho é uma das figuras encantadoras da sociedade paulistana, que honrou com a sua presença e sua linda voz o film "Coisas Nossas".

Mme., elegantissima, numa creação parisiense em côr verde, falou-nos do film, que vem de passar. Disse-nos da sua grande emoção, ao ter que representar para uma "camera" cinematographica. "Fiquei nervosissima, contou-nos Mme. sorrindo. Eu não alimento programmas no meu cerebro. Em todo caso, se meu trabalho agradar e a fabrica novamente me chamar, não tenho motivos para recusar ao convite. A arte é uma coisa tão bonita".

O seu preferido dentre os quatro.

Indagamos-lhe, então, se acreditava no cinema brasileiro. Balançando com a mão enluvada o seu "lorgnon" de platina, mme. fez com energia um gesto positivo.

— "Sim, eu acredito num futuro brilhante para o cinema nacional. E' claro que não nas capitaes, cuja gente muito "raffinée" e cheia de historias ha de sempre encontrar aqui ou alli um senão para criticar. Mas como o Brasil não é formado pelas capitaes e, sim, elle é todo esse agglomerado quasi infinito de villas e cidadesinhas que se espalham do Amazonas ao Rio Grande do Sul, creio que não exagerarei, si disser que tenho certeza do triumpho da nossa cinematographia.

— E qual o seu maior successo no canto?

Mme. Pinto de Carvalho teve um olhar de modestia. Para encorajal-a, nós lhe dissemos que as mulheres bonitas não gostam nunca de fallar de si. Acham mais interessante que os outros digam. Mme. sorriu e afinal se decidiu:

— Acho que fui ouvida com muito carinho em "Geitinho que você tem...?" Aliás, esta é a minha canção preferida.

Depois falou-se sobre modas. Mme. Pinto de Carvalho, que segue á risca o "dernier cri", que Paris semanalmente manda cá para estes tropicos, disse-nos dos seus encantos para com os actuaes chapéosinhos á Ribon Hood e imperatriz Eugenia.

E assim, entre um commentario sobre elegancias e uma critica sobre cinema, decorreu toda uma palestra encantadora á porta do Cine Eldorado.

Idyllio!...

O velho correio

A Administração dos Correios publicou ha dias as novas exigencias para um individuo ou uma firma commercial poder se candidatar á assignatura de uma caixa postal.

A coisa não se póde, em verdade, affirmar que seja facil. Nem rapida. As formalidades são diversas; os documentos varios. Desde já se avalia que os pretendentes a uma caixinha de portas douradas, onde se aninhem as suas cartinhas ou os seus jornaes, terão de dar algumas passadas para alcançar o cubiçado ninho epistolar. Aquella chavezinha almejada virá ás suas mãos, sim, porém depois de uma enxaqueca e de um callo doendo.

Ora será uma estampilha mal collocada no requerimento, ora um reconhecimento de firma indispensavel, ora um documento insufficiente, ora uma prova de identidade duvidosa, sem falar no tempo gasto na policia para obter a caderneta com a caréta e a dedada de praxe.

— Cacetadas! — dirá o homem da caixa.

Todavia, ha de se convir que essas exigencias, todas são necessarias. São imprescindiveis. Servem de garantia ao pretendente, porquanto numa época de "vôos" de toda ordem as "aguias" se multiplicam extraordinariamente. O governo, zeloso, quer evitar que algum desses aviões humanos vôe para cima da correspondencia alheia, alugando "casa" em nome de outrem, mettendo-se na caixa enxeridamente para depois entrar no caixa...

Anda bem o governo. Mesmo porque elle se garante tambem; elle não quer pagar o pato. Como acontece quando um camarada se esquece de mandar pesames a um amigo ou finge não haver recebido uma cartinha de cobrança...

— Esse relaxado do Correio!... Bota tudo fóra!...

As cartas de convite para jantar ou para receber dinheiro chegam sempre.

Essas complicações da actualidade avivam as saudades da simplicidade de outrora.

Nesse ponto, o progresso não trouxe grande coisa de melhor. No tempo antigo, nada de carteiros, de abonos, de identidade, de dactiloscopias... O dedo não se intromettia nesses assumptos; nem por elle se conhecia ninguem. Apenas os gigantes. Mas esses, como os curados pela Santa de Tigipió, eram citados sem que pessôa alguma lhes botasse a vista em cima. Garantiam-se os homens pelos fios das barbas. Hoje, raspam-n'as. Antigamente...

O Correio publicava uma lista assignada pelo proprio administrador com os nomes dos individuos que tinham registrados a receber. E quanto ás correspondencias ordinarias, cada um ia procurar as suas, como se faz ainda agora em Cabrobó.

— Tem carta para Maria José da Conceição?

— Meu filho Cazuza escreveu?

— E para mim, chegou da Europa alguma coisa?

Todos eram caras conhecidas e o empregado postal attendia-os familiarmente, com um bom dia, um sorriso, uma pitada e... um boato.

Houve um administrador do correio, um dos primeiros, em Pernambuco, creio, que era homem bonancháo, pacato, paciente. Terminado o seu trabalho de assignar o papelorio de todas as épocas, elle engulia o jantarzinho ali para as bandas de São José, e vinha, á fresca da noite, sentar-se num dos banquinhos da antiga Ponte da Bôa Vista. Puxava o cigarrinho, mettia-o entre os beiços, accendia-o e tragava as suas deliciosas fumaças... embora não tivesse fumaças de chefe, nem de nada!

Gostava era da serenidade local, com um céo picadinho de estrellas, com uma viração cheirando a maresia. O rio passava, como tudo o mais tambem no mundo. Tal e qual os transeuntes: escravos com barricas nas cabeças, um preso ao outro por correntes de ferro; negras da costa, de chales berrantes, apregoando pamonhas de garapa; officiaes das milicias recolhendo-se a quarteis; mulatinhas dengosas que vinham pescar amôres...

A's vezes, o administrador cochilava. Cochilar ali não tinha importancia nenhuma. No serviço, sim. E, de repente, despertava sobresaltado. Batêra uma alvarenga na ponte? Rebentára uma revolução? Não. Um seu camarada pousára-lhe a mão no hombro:

— Você, meu velho, poderia botar esta carta amanhã no Correio?

— Pois não. Com muito gosto. Dê cá.

— Tome tambem os vintens do sello.

Dava ainda uma prosinha e raspava-se.

Dali a pouco, uma pardinha; escrava de uma familia conhecida, moradora ali por perto.

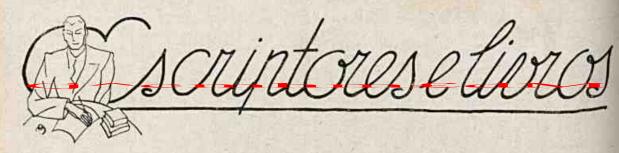
— "Sia" d. Mocinha viu vosmecê aqui sentado na ponte e mandou trazer esta carta. E' móde ir para o Rio de Janeiro, para o filho della...

— Sei... sei... Amanhã tem um hiate para lá...

Desta vez não veiu o dinheiro do porte. Houve sómente um sorriso, de dentes alvos á mostra, da captiva que não era feia.

Appareciam outros e outras...

Quando a Igreja de Santo Antonio batia 9 horas, o administrador tomava o caminho de casa, abrindo a bôcca, caminhando vagarosamente, com o bolso do croisé estufado de missivas...

MARIO SETTE

ALICE NO PAIZ DAS MARAVILHAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 5$

ESTE é o segundo volume da série *Literatura Infantil*, que a editora paulista publica sob a direcção de Fernando de Azevedo, nome que constitue a melhor garantia para o successo do emprehendimento. Os contos infantis de Lewis Carroll, traduzidos e adaptados por Monteiro Lobato, vão fazer o regálo da petizada.

Silveira de Menezes — O ESPLENDOR DA ALLEMANHA — edição Pongetti — Rio — 1931

AS viagens costumam fazer bem a umas tantas creaturas. O sr. Silveira de Menezes está incluido neste ról. Antes de partir para o Velho Mundo, a sua prosa andava ahi rolando, mas, era destituida de sabor.

Agora, não. O escriptor regressou de roupa nova, modernizada. Nós sabemos que viajar e amar não é para todos a mesma coisa, como escreve alhures Augusto de Castro.

Cada qual viaja ou ama a seu modo... Mas, num ponto, todos estão de accôrdo: é de que não ha nada mais difficil de escrever do que um livro relatando impressões de viagens. O sr. Silveira de Menezes venceu essa difficuldade.

Em 63 paginas, resume o seu enthusiasmo pela Allemanha, onde tudo é *Kollossal*. Como não foi á Allemanha, de Principe de Galles, pegou de surpreza as coisas em trajes domesticos. Lá foi em turismo de turco, o que equivale dizer, turismo de prestação. Viu tudo quanto quiz vêr, e maravilhou-se com o espectaculo de Berlim, paraiso de bonecas e lampadas.

Berlim é a vida como deve ser a vida. A Europa está ali núa. O homem tem vontade de ser centauro e sahir esquipando e beijando numa floresta multicôr de electricidade, flôres, musicas...

O autor, em pinceladas ligeiras, consegue agradar, expondo, de maneira original, as suas impressões.

Agora, já não é certamente aquelle rapaz bisonho que, quando escrevia, tanto empenho tinha em se fazer annunciar: nascido em Caxias, no Maranhão.

Pelo menos como escriptor é outro: está inteiramente transformado, de cerebro arejado.

C. M. Hull — O SHEIK — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

OS que apreciaram a grande fita poderão agora conhecer o romance de Hull, através da traducção de Leonor de Aguiar. No genero, é dos melhores livros ultimamente editados.

Baroneza Orczy — NOVAS AVENTURAS DO PIMPINELLA ESCARLATE — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

AINDA um volume da fecunda escriptora, vivido no ambiente da Revolução Franceza, excellentemente traduzido por Mario Sette. Os que leram os livros anteriores desta collecção encontram neste o seguimento da historia do famoso chefe da perigosa *liga* que tanto trabalho deu á policia franceza.

Corinto Barboza — DOUTRINA EVOLECIONÁRIA — ed. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1931

PARA inteiro entendimento da Doutrina Evolucionária, o autor dividiu a sua obra em tres partes, destinando o primeiro volume ao que denomina de *Esboço positivo*, escripto em fórma de questionario. Assumpto complexo, demandando cultura generalizada e apurada, de parte de quem se propõe a estudál-o, nem por isso o sr. Corinto Barboza teve receio de entreter relações com o publico, dizendo o que pensa a respeito da materia.

Do valor da obra, ora em começo, não queremos avançar o nosso juizo. Nota-se que o methodo de exposição, do autor, é claro, racionalizado, embora se resinta o trabalho da facilidade de linguagem.

Ou talvez o defeito seja da fórma adoptada, pois, evidentemente, o questionario prejudica a belleza da unidade do assumpto, tornando-o algo fastidioso, cansativo para o leitor.

Aguardamos o complemento da obra, para a sua melhor apreciação.

E. Barrington — A DIVINA DAMA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 5$

NELSON, o celebre lobo do mar, que immortalizou o seu genio guerreiro na batalha de Trafalgar, ao lado das paginas de heroismo, deixou tambem outras não menos famosas: a historia das suas grandes paixões. São os amores de Nelson que a penna brilhante de Barrington trouxe para este romance, admiravel sob todos os aspectos.

Edgar Wallace — O GABINETE N.º 13 — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 5$

MAIS um interessante livro de Wallace, bem traduzido para a nossa lingua, acaba de offerecer para o regálo dos apreciadores da leitura novellesca, sensacional. A confecção material é excellente, igual aos demais volumes da collecção Para Todos, da grande casa editora paulista.

Tudo que é triste, sereno, silencioso. [illegible] isso é que adoro os seus contos e, mormente, as suas poesias.

Nisto, vieram buscar Myriam para recitar.

— Que quer você que eu diga, Luiz Fernando?

— Você diz em francez?

— Não. Para que? Não acha que [illegible] poemas maravilhosos em nossa lingua? E' uma questão de patriotismo. Eu poderia dizer em francez, que falo correntemente. Mas acho impatriotico vivermos a desprezar os poetas da nossa lingua. Conhece "O passado"?

— De João de Barros? Sim, conheço: "A voz do mar é como um grande bater d'azas..."

— Isso mesmo. Não gosta?

— Muito.

E Myriam disse "O passado", com tanto sentimento, com tanta graça, que Luiz Fernando ficou a ouvil-a como que de alma suspensa, sem fazer um movimento, com receio de que o encanto se quebrasse, sem tirar delle o olhar, para que a visão não se desfizesse. Sobretudo quando ella, na pontinha dos pés, disse aquelle trecho:

"Leve espuma! Suspira assim que [beija a terra.
"E' menos do que pó. Desfaz-se [pelo ar.
"Mas não sei que perfume a flor [da espuma encerra,
"Que perfuma de anseio a vastidão [do mar..."

... quando ella disse essa quadra, Luiz Fernando teve a impressão perfeita do murmurio das ondas, da leveza da espuma.

As palmas estrugiram e ficaram a ecoar longamente pela sala. Quando serenaram, Myriam, de olhos pregados em Luiz Fernando, disse tremulamente:

— Agora, como homenagem ao nosso novo amigo, o grande poeta Luiz Fernando, recitarei a sua ultima poesia — "Mármores".

Ao terminar, ao som de uma calorosa salva de palmas, dirigiu-se para Luiz Fernando, que sorria, satisfeito:

— Não "assassinei" muito o seu poema, Luiz Fernando?

— Pelo contrario, Myriam. Você o disse tão bem, que cheguei, pela primeira vez, a imaginar que escrevêra alguma coisa de valor. Você o recitou tão bem mesmo, que o achei quasi bonito.

Mas, embora encantado, não deixára de ser para elle uma decepção o facto de Myriam não recitar em francez. Tambem reparou que ella não se pintava sinão levemente, e elle imaginára a "sua boneca" com as faces muito córadas e os labios sangrando de "rouge".

Quasi ao terminar o baile, quando as moças, vencidas pela fadiga, com os pés doridos, já andavam pelos cantos, largadas sobre poltronas macias, a conversar, Luiz Fernando teve outra surpreza: encontrou Myriam a discutir politica com o pae e um senador pelo Paraná.

No dia seguinte, no jardim, quando a tarde de amethista e oiro ia cahindo, disse, com tristeza, á tia Lulú:

(Continúa na pagina seguinte)

— Pobre, marido! A cozinheira deixou queimar o guisado que mais gostas. Poderias consolar-te com um beijo?

— Sim; que venha a cozinheira m'o dar.

— Sabe, minha linda tia? Myriam não é bem a minha boneca. Não se pinta, não diz em francez, discute politica...

— E vae estudar chimica para te dar uns beijos com sabor de acido sulfurico... — ajuntou a linda tia, a rir perdidamente.

— Você ha de ver! Pode rir. Hei de transformál-a. Um dia, ha de ser a "minha boneca".

E, dahi por deante, sempre que estava com Myriam, falava no seu sonho tão velho, dizia como ideava a sua boneca, havia tanto tempo, desde os cinco annos. E ella ia fazendo-lhe as vontades: começou a pintar-se mais, comprou uma baratinha, em que andava em disparada por todo o Rio, passou a usar as modas mais estravagantes e a dizer somente em francez, italiano e hespanhol. Leitura, a dos programmas de cinema e figurinos. Entretanto, só ella sabia com que esforço fazia tudo isso, que contrariava de frente o seu temperamento. Mas Luiz Fernando queria tanto que ella fosse a sua boneca!... Ella acalentava a esperança de que o joven poeta chegasse um dia, no bom senso, a reconhecer o seu erro. Nesse dia, ella seria o que sem-

A BONECA DE LUIZ FERNANDO

(Conclusão)

pre sonhara ser — a companheira integral, de corpo e alma, de um ente superior...

Certa manhã, como Myriam lhe confessasse, pelo fio, que estava com muita vontade de ler um livro, um livro bonito que elle escolhesse, Luiz Fernando enviou-lhe "Les idées modernes sur la mode". Ella sentiu intensamente, mas não teve uma palavra de queixa.

Luiz Fernando, esse, estava radiante. Tinha, emfim, a sua boneca!

Por esse tempo, andava a concluir o seu romance — *Mirosinha* — que o mundo literario do Rio anciosamente esperava. Faltava, apenas, o capitulo final, mas justamente esse, que elle queria modelar como uma esculptura antiga, justamente para esse começou a faltar-lhe a inspiração. Havia noites em que se sentava á escrevaninha e ficava a fumar, a fumar, sem escrever coisa alguma ou, si escrevia, era para rasgar, num impeto, ao reler.

Numa dessas noites, depois de varias tentativas para terminar o romance, Luiz Fernando recolheu-se e levou muito tempo sem poder conciliar o somno, a imaginar milhares de coisas, as mais fantasticas, sem encontrar o fecho adequado, que tanto procurava. Nessa agitação, dormiu já alta madrugada e sonhou... com a sua boneca.

Já se tinham casado e moravam num "bungalow" pequenino, suffocado de trepadeiras, em Ipanema.

Luiz Fernando, á escrevaninha, pensativo, immovel, tinha a caneta entre os dedos... No meio do gabinete, numa cadeira Tudor, Myriam polia attenciosamente as unhas, á luz indecisa e mansa de um "abat-jour" violeta.

O silencio, largo e solenne, pairava sobre todas as coisas, apenas cortado pelo bater compassado e melancolico de uma pendula carrilhão.

De repente, Luiz Fernando ergueu-se num repelão, atirou a caneta para cima do cinzeiro e foi sentar-se numa almofada, aos pés de Myriam:

— Não posso escrever... Estou esgotado, não me vem uma idéa, faltam-me as imagens para fechar o meu romance. Tu comprehendes...

Myriam? Ha muitos dias que estou assim. Tudo o que me sae da penna não satisfaz nem um pouco a esta ansia de belleza e perfeição que quasi me devora...

Myriam ouvia-o distrahidamente e, depois de dar um ultimo polimento ás unhas, voltou-se para elle, que se calára e ficára de olhos baixos, fitos nos tapetes altos de pelucia:

— Queres ouvir o ultimo tango que comprei? Talvez te distraia.

— Oh! pelo amor de Deus! Não comprehendes que este desespero vem, em grande parte, de ver que é o impossivel dos impossiveis dar ao que escrevo rythmos harmoniosos, cadencias musicaes?

— Então, que hei de fazer? Ah! antes que me esqueça: o meu vestido...

— Tem piedade, Myriam! Não sabes como é triste passar noites inteiras, como tenho passado, a scismar e a escrever, a fronte em febre, numa exaltação dolorosa, e, ao vir do sol, achar detestavel o que se escreveu e atirar tudo ao vento, com raiva, com desespero. Depois, ás vezes, o arrependimento de ter atirado tudo ao vento, de ter destruido tanta coisa, em que, afinal, talvez houvesse um pouco de belleza e de arte.

— E' assim que muitos começam, Luiz Fernando... Toma cuidado!

E soltou uma risada crystallina, mostrando um thesouro de perolas.

— Mas, não vês que soffro?

— Que hei de fazer?

— Consola-me!

— Mas como és criança! Deixa de tolices!

— Tem piedade, ao menos!

— Dize: para que?

— Porque a tua piedade, porque o teu carinho talvez finalizem toda esta agonia, toda esta ansiedade.

Myriam não o ouvia. Estava a olhar as lagrimas que vinham cahindo, uma a uma, dos olhos de Luiz Fernando.

— Si as tuas lagrimas de repente se transformassem em brilhantes?...

— Que farias dellas?

— Jóias, lindas jóias para me enfeitar.

— E's linda, mas não tens coração. Não tens alma.

— E graças a Deus! Imagina um pouco que medonha coisa, si nós, as bonecas, tambem a tivessemos. Quem tem alma chora e o pranto enfeia.

— Como tu és má!

— E o culpado és tu. Lembras-te do sonho que acalentas desde os cinco annos? Eu não era uma boneca. Tinha uma alma sensivel, aspirando a uma perfeição de belleza e bondade, ansiando por um amor immenso, que me enchesse a vida inteira, transbordando-me do coração. Encontrámo-nos. Eu, que já tinha por ti uma admiração muito grande, amei-te logo. Contaste-me o teu sonho... E, como te amava perdidamente, quiz realizal-o e, hoje, sou a tua boneca!

— A minha boneca!... E' verdade, era assim que eu a imaginava. Que desgraça!

— Agora, que mais queres? Aqui me tens. Não te inspiram meus olhos pintados, meus labios rubros, minhas faces carminadas, meus cabellos loiros?

— Quero a tua alma!...

— As bonecas não têm alma, Luiz Fernando. Têm belleza, unicamente belleza.

E ria, linda e diabolicamente.

Elle teve um estremeção, e acordou. O sol já ia muito alto, no céo. Saltou da cama, vestiu um pyjama cossaco e, cinco minutos depois, escrevia a Myriam:

"Minha suave e pequena deusa.

Talvez estranhes que não te chame hoje a "minha boneca". E' que não quero que sejas mais uma boneca apenas. Serás meu amor, minha vida, minha alma, meu coração... serás tudo para mim... menos a boneca do meu sonho. Serás a deslumbrante boneca de sempre, mas não a "minha boneca".

"Volta ao que eras antes, Myriam. Agarra-te á tua alma, não a deixes fugir, por favor!

"E nunca me falarás em vestidos quando eu te pedir consolo e terei sempre para as trevas das minhas tristezas a luz tão meiga do teu olhar, o luar tão suave das tuas caricias, a musica maravilhosa da tua voz.

"Sê linda como naquella noite em que nos encontrámos: sem artificios, sem pinturas... E passarei os dias da minha vida a olhar os teus olhos, a ouvir a tua voz, a acariciar os teus cabellos, a beijar a tua bocca... E a nossa felicidade não terá igual no mundo e será tão grande, que ficaremos calados com medo de perturbal-a... Escreverei, escreverei muito e tudo que eu escrever lerei para que ouças e digas si gostas e sintas que de tudo o que escrevo ascende para o teu coração o incenso divino do meu grande, do meu eterno amor.

"Faze o que te peço, Myriam, que farás a nossa ventura.

"Beija-te muito as mãosinhas mimosas, o teu — *Luiz Fernando*."

(Do livro "*A vida... por um beijo*", a sahir).

KWANON (S. Paulo) — A informação que me pede seria muito longa. Não tenho espaço para tanto. Si preferir telephonar-me o meu telephone é 2-4-36. De 1 ás 5 horas da tarde.

E' tudo quanto posso fazer.

Que nome pouco sonóro o que escolheu para pseudonymo: *Kwanon*.

A sua letra indica: — excessiva reserva, desconfiança.

Admiro as pessôas reservadas e discretas. Mas não gosto muito das desconfiadas. Estas denotam estar sempre preparando ardis e ciladas.

MARIA (?) — Ainda o "caso Djénane"? Valha-nos Deus! Como são interessantes (ou desinteressantes) as mulheres quando emittem uma opinião?

Mas, vejamos a sua missiva *salmon* perfumada, ou antes, não perfumada:

"Yves. Leitora assidua de "Saibam todos" não posso furtar-me ao desejo de dar tambem a minha opinião sobre a frase de Rose, que tem despertado tanto interesse:

"Porque si ha de renunciar soffrendo, quando se póde ser feliz ou desgraçada na posse."

Cumpre-me primeiramente declarar, para que não me julgue uma desilludida ou despeitada, que sou moça e ardorosa defensora dos direitos femininos. Que sou casada com alguem muito bom e digno.

Já tenho porém vivido alguma cousa e soffrido bastante para ter a perfeita convicção do que affirmo.

Acompanho como já disse, com grande interesse a evolução da mulher, e apezar de profundamente religiosa, meu pensamento é livre como uma ave no espaço.

A mulher tal como a concebo porém, e como procuro ser, deve seguir sempre a trilha reta, sem hesitações.

Renunciar ao que nos parece o supremo bem, a fonte perfeita da felicidade, quando o dever nos indica outro caminho a seguir, é como a retirada honrosa do exercito em certas lutas.

Joffre cobriu-se de glorias na retirada do Marne.

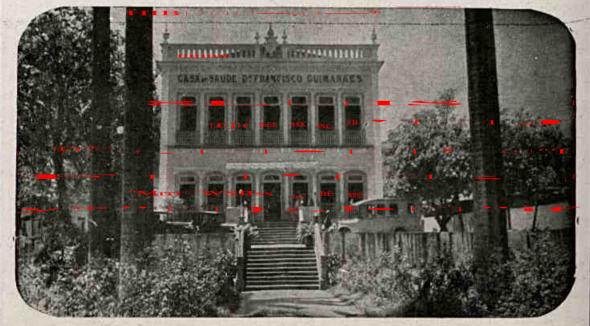
Recuar em tempo é mais digno do que perder.

Devemos renunciar, não em respeito aos tolos preconceitos sociaes, que nada valem e aplaudem hoje ao que desaprovaram hontem.

O que coloco acima de todas as leis sociaes e do amor mais exaltado, é o respeito que devemos a nós mesmas.'

O ncsso Juiz é a nossa propria consciencia de mulher que se preza e se coloca acima do desejo — chama, desta exaltação de ser possuida, que não é mais que o brutal instinto ataviado de poesia.

Quando se póde reunir ao direito de posse, a estima e o respeito de si mesmo, deve-se seguir sem vacillações, amorosamente, por este caminho que é o mais natural e perfeito. Não ha porém posse de homem algum por melhor que seja, que valha a tranquillidade de uma conciencia.

Tanto mais que os senhores homens são os primeiros a causar e desprezar, aquela que tudo sacrificou para satisfazel-os.

São dias de prazer pagos com annos de amargura.

A renuncia é tanto mais bela, quanto maior a luta e a reação.

Acima da posse instinto que nos faz quasi animaes, estão o espirito e a intelligencia, dous divinos que nos trazem prazeres mil vezes mais puros e completos.

O sofrimento redime e purifica os animos, tornando os mais fortes, e para isso, não é preciso ficar secca e velha como uma flor fanada.

E a mulher digna deste nome, a mulher sinonimo de beleza, de pureza e bondade, vencedora pelo espirito de um amor que a aviltaria aos seus proprios olhos, poderá orgulhosa dizer como Cyrano ao morrer:

"Oui, vous m'arrachez tout, le
[laurier et la rose,
Arrachez! Il y a malgré vous
[quelque chose
Que j'emporte et ce soir, quand
[j'entrerai chez Dieu,
Mon salut balaiera largement le
[seuil bleu.
Quelque chose que sans un pli,
[sans une tache,
J'emporte malgré vous, et c'est,
[c'est mon panaché!"

Sans raname. — *Maria*"

Resposta:

1.º — A sua missiva é uma especie de "cozido á portugueza": tem de tudo. ("Excusez du peu").

E o que resulta é uma gordura literaria, que engraxa a alma da gente — durante uma semana. Temos que recorrer ao sapolio da ironia, para desengordura-la e acabar com essa horrivel impressão de que a sua carta foi escripta de accordo com uma receita culinaria...

2.º — Entre outras coisas passmosas diz v. ex., com ares de "femme savante". "Devemos renunciar, não em respeito aos tolos preconceitos sociaes, que nada valem e applaudem hoje o que desaprovaram hontem. O que coloco acima de todas as leis sociaes e do amor mais exaltado, é o respeito que devemos a nós mesmos".

Ora, o respeito a nós mesmos é um reflexo observancia das convenções sociaes. Si um individuo deseja, ás vezes, roubar e não rouba, e o faz em respeito a si mesmo, é claro que, antes de tudo, elle respeita as convenções sociaes, que o prohibem de roubar e considera o roubo uma feia acção. Quer dizer, V. ex. discute com a encantadora inconsciencia de toda mulher... bonita. Gostou? A logica, para ellas, é a falta de senso no que dizem...

3.º — Ha na sua carta numa tolice typica. E' dizer v. ex. que "Joffre se cobriu de glorias na retirada do Marne". V. ex. mostra que conhece tão bem philosophia moral como Historia. Joffre não bateu em retirada; Joffre resistiu ao colosso allemão. Não o calumnie...

4.º — Agora aprenda: é a Napoleão Bonaparte que se attribúe esta phrase de estratégia sentimental: "En amour, la seule victoire c'est la fuite".

E por favor, não discuta mais esse caso de renuncia. V. ex. só saberia dizer — tolices.

(*Continúa na pag. 56*)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 12 - 12 - 931

Data da consulta ....

Nome da consulta ....

....

DINAH (S. Paulo) — Oh, o seu nome me recorda o de uma creaturinha interessante, mas impetuosa como um furacão. Acaso será tambem egualmente violenta? Ou será mais gentil? Vamos... Queira expandir-se.

Lamento não lhe poder fazer o exame graphologico. Por dois motivos. Primeiro, porque v. ex. escreveu em papel pautado e para a graphologia o principal é escrever em papel liso e de linho; depois porque cobro 20$000 por cada estudo que faço. O melhor, pois, é procurar outro graphologo que nada cobre por isso. Como vê, sou desinteressado.

Paulo Gustavo é autor de dois bellos poemas: "Divina amargura" e "Por amor ao meu amor". Ambos têm obtido grande successo de livraria.

"Por amor ao meu amor" vae sair em 2ª edição, o que representa

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

um grande exito e faz com que Paulo Gustavo seja invejado por uns e admirado por outros.

Quanto ao meu romance "Uma garçonne carioca", já entrou para o prélo; e é possivel que até Natal, já esteja exposto á venda. Mas, olhe bem: "Uma garçonne carioca" é um livro feito para as mulheres infelizes e repudiadas pela sociedade. As felizes, as "jeunes filles", as que nunca souberam o que foi a fome, as miserias dos homens e as lutas pela vida, — essas nada têm que vêr no meu livro. Escrevi uma obra de dôr, para demonstrar que as mulheres que cáem merecem um pouco de indulgencia, de piedade, porque a sociedade não deve punir aquellas que ella não soube defender. Mas, tudo isso é dito com tristeza, com decepção e amargura profunda.

VIOLETA (Capital) — Agradeço-lhe, commovido, o seu bello presente de Natal. Foi muito carinhosa a sua lembrança; e embora eu não fume — nem cigarros nem charutos — estou verdadeiramente encantado com a sua offerta, que ainda mais pelos termos em que foi feita.

Agora, pergunto eu: quando poderei retribuir tão grande gentileza? Não sei o seu telephone, nem o seu endereço.

PEDRO R. WAYNE (R. G. do Sul) — Aqui está o seu livro de Versos menininosos, e por vezes deliciosos de modernista, e por vezes, de abusado — no tocante aos velhos canones da poesia classica — que sabe ser poeta de grande senti-

---

NOCTURNO

GEORGES, meu querido, que calôr tu tens, estás queimando!... E teus cabellos, oh, teus cabellos estão molhados!... Não estavas dormindo quando eu entrei? O leito está todo desmanchado. Estavas assim tão agitado que deixaste o leito n'esse estado!... Estou certa que estás doente. Provavelmente tens febre... Aliás, ha tres dias que não passas bem... Esta agitação, esta pallidez, esta physionomia... Oh! Eu chamei-te a attenção, bem sabes... Emfim, porque não queres que eu accuda? Que disparate de idéa! Bom, bom, não accuderei. Mas, por favor, não te agites mais!... Como estás esquisito! E este tremor... Estás com febre... Não é porque entrasse hoje mais tarde, que não queres saber de mim? Meu manganão, meu querido, será que começas a ficar ciumento? No emtanto, tu sabes que só amo a ti, Georget, hein, estás certo disso? E' culpa minha si foi preciso repetir quatro e cinco vezes cada dansa. Uma banda, não fazes idéa!... Uma banda de americanos... Grosseiros, exigentes e incontentaveis! Olha, ao sahir, para não fazer-te esperar nem fui ao Briff comer meu sandwick com Gaby... Estou te fatigando... queres que me cale? Prompto, meu amor, não digo mais nada. Apenas aperta-me bem em teus braços e pousa tua cabeça em meu hombro, que eu sinta o teu corpo junto ao meu, assim juntinha ao meu!... Meu Deus, pois não é que a coisa recomeça! Ainda este suor, este tremor!... Parece que fazes de proposito, que queres pôr-me doente... Repito-te: é impossivel que não tenhas febre! Que estás cantando agora? O elevador parou no nosso andar. Não ouviste passos? Não, ninguem subiu, ninguem passou. Estás já meio adormecido ou... ou, estás delirando. Pois eu te affirmo que não ha ninguem!... Finalmente, Georges, que é que tens? Fazes-me medo. Aconteceu alguma coisa? Tens febre, não estás doente, tens um desgosto, uma preoccupação. Dize á tua mulher! Não ousas? Porque não ousas? Mas é uma loucura o que estás a dizer. E a lampada?... Não quizeste que eu accendesse a lampada, para que não visse a tua cara?... Querido. E, querido, sê razoavel. Quem está falando, sim, alli, no escuro, ao meu ouvido... Oh! fazes-me medo. Espantas-me... Falla-me, ou chamo alguem... fala, fala, Georgete!...

Entraste ás seis horas. Sim, pois bem!... Si eu li os jornaes da noite? Justamente. Rua Briffant? O dono do bar-restaurant? Parece-me positivamente que eu li esta noite. Simplesmente... Esta noite. Quem falou da rua Briffant? O dono do bar, tambem freguezes.

Gaby

mento, e cuja arte se caracteriza pelo cunho da sinceridade e originalidade sem esforço, que imprime aos seus poemas.

Numa palavra: o sr. possue, a meu vêr, um mérito indiscutivel: o pessoal. O seu verso é seu, unicamente seu.

Aqui vae este mimo de graça, de lyrismo ingenuo é poesia, sobretudo, — porque é authenticamente humano:

FELICIDADE

Felicidade eu te conheci
figura ingenua duma colegial...

Nunca pensei que a Felicidade
fôsse uma figurinha candida
de seios nascentes acotovelando a
[blusa.
Com dois labios de pauta musical
vermelha e risonha como um ca-
[nario cantador...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

. . . .

Agora sei que a Felicidade existe
que nasceu mulher,
pois vive no meu lar
presa a meu amôr!

ALMA (?) — Mas, afinal de contas, que tenho eu com os seus arremessos passionaes? A mim só me interessam as revelações intimas, as explosões secretas, os disturbios ou impulsos sentimentaes, daquellas a quem quero bem ou que me querem bem. E'-me indifferente toda essa comburencia (ou combustão?) de uma *Alma* que não conheço. Primeiro não creio em almas, — nem deste, nem do outro mundo; segundo, porque não sou espirita...

No fim de sua missiva, escreve v. ex.: "Espero da vida um forte e grande amor para o meu amor..."

Mas quem disse a v. ex. que o "Saibam todos"... era agencia de casamentos?

MARQUES JUNIOR (?) — A sua collaboração será publicada.

MANUELA (S. Paulo) — As solteironas não me interessam. Não porque sejam feias ou velhas; mas porque em todas ellas vejo uma forte expressão de egoismo.

No caso de v. ex. o que me impressiona é a dissimulação e a hypocrisia que a sua graphia me revela. V. ex. é uma creatura indecisa, enfermiça e fluctuante, incerta, em todos os seus actos. Eis porque não me inspira sympathia.

Yves

De Georges Imann

bem... Emfim, que te importa isto? Que tens com isto? Que dizes? A porteira, assassinada, estrangulada? Como? O dinheiro do vencimento... o dinheiro que lhe tiraram? Que tens? Um manto de pelles que eu desejava? Misturas tudo... A porteira ainda?... Sim, e depois? Georges... que é isso... Georges, não tremas mais... não tremas mais! Que estás a dizer? A porteira... Ah! Meu Deus! E'... Não, não, divagas... Georges, não é verdade... E' impossivel... Tu! Tu! Tu!...

Oh, não posso acreditar... Mas é abominavel, horrivel o que me dizes!... Tu!... Tu!... Meu Georges!... Essa mulher então... esse dinheiro... teus dedos em volta do pescoço... Queres assustar-me, queres brincar! Primeiro, nunca te pedi esse manto!... Nunca tambem poderia crêr... Teus dentes batem agora? Ah! Fico louca... Não me toques... tenho medo... não me toques!...

Que acabas de dizer? Para mim... Meu pobre adorado, meu queridinho... Vás te entregar? Ah! não, não quero... não quero! Prohibo-te!... Rogo-te!... Isso não, ou mato-me deante de teus olhos, immediatamente!... Deixa-me reflectir... Como tenho frio!... Puxa a coberta... Oh, meu Deus!... meu Deus!... Porque deixei-te sahir esta noite! A culpa foi minha.

Eu devia ter comprehendido... impedido... Sobretudo, não te mexas, não digas nada... Si me amas... Por amôr de mim, meu Georges!...

Mas, que vae ser de ti!... Precisas partir quanto antes... ou amanhã ás primeiras horas... Não, amanhã não, traria suspeitas. E depois, não pódes partir... no estado em que estás... Mas agora espéra, peço-te, não tenhas medo. Veremos, amanhã... quando fôr dia... não tenhas medo... Primeiro, não se póde saber, não se saberá, tudo se arranjará... Aqui estou eu!... Que dizes, ainda? Um assass... Vamos, cala-te, prohibo-te... Não, não quero que repitas essa palavra... E então? Si eu tenho medo ainda?... Si eu te desprezo? Oh, meu amor! Fazes-me horror... Estás louco... Tuas mãos? Oh! Não, dá m'as, ao contrario, tuas pobres mãos, tuas mãos que eu amo... E abraça-me mais fórte, mais fórte ainda! Que eu sinta bem a minha carne, contra a tua e teus cabellos... teu peito... tua bocca... Estamos sós, crê-me, não tens nada a temer... Sim, mais perto, junto á mim, sobre mim!... Amo-te tanto, nunca te amei tanto, Georges! Perdôa-me, sou vil... Parece-me que te amo mais depois, sim... depois... Tua mulher é isto, a mulher que te quer, que te deseja. Abraça-me, beija-me, toma-me, és tu que eu quero, meu querido!...

CAÇOADAS

— TODAS as tradições fixam a época, diz Langlumet, e isso pouco me importa. Ha-as no emtanto, tradições divertidas, como as petas de primeiro de Abril... Não que o homem tenha perdido o gosto da mystificação, mas elle já não se prende ás datas fixas. A constatação disso é tão verdadeira que, num café onde estavamos reunidos, a idéa duma caçoada nos acudiu tres dias depois de um primeiro de Abril; mas a visinhança da data, servir-nos de bom pretexto para fazer uma perversa brincadeira. Ou bem temos escrupulo, ou bem não temos...

Mornebler chegára aquella noite ao aperitivo, com physionomia contricta e pallida por onde descobrimos desde logo, a mais intensa das alegrias contidas. Elle sentou-se ao nosso lado, soltando suspiros profundos, cuja causa, muito de mãos nos abstivemos de indagar. Tanto que dentro de certo tempo, não mais se contendo, elle exclamou:

— Ah! meus amigos!

Contemplámol-o um momento em silencio, e voltámos ao nosso bidge, aos nossos divertimentos rendosos. Elle exclamou então:

— E isto, e isto e isto? Isto não os interessa?

Proferindo essas palavras, puxava do bolso um maço de photographias. Nós nos curvámos e não podemos deixar de sorrir:

— Sim, confessem que é comico! disse-nos elle.

E Mornebler tinha razão: as photographias representavam mulheres, que, nos mais simples trajes, affectavam poses de terno languor, com um sorriso de commando. Elle proseguiu:

— Achei a coisa num belchior, no fundo dum corredor. Podemos talvez, tirar algum partido disso...

A sugestão bastou-nos: uma troca de sorrisos pôz-nos logo de accôrdo:

— Um pouco para cada um? disse um de nós.

— Bôa idéa, respondi eu. Mas guardemos seis para Géraldin.

— Naturalmente! um maço para Géraldin! declarámos a um tempo.

Nisso levantámo-nos, cada um por seu turno, com ares de innocencia e passando perto dos sobretudos pendurados nos cabides, deixámos escorregar, a esmo, as photographias, nos bolsos entreabertos, ao nosso alcance. Depois, reunimo-nos e foi o resumo das operações: gozámos em commum, a perspectiva dos creados folgazões, dos parentes alarmados, das esposas irritadas encontrando os photos licenciosos, nos bolsos dos patrões, dos filhos e dos esposos innocentes. Mas si havia no mundo mulher ciumenta, era a de Géraldin; e por isso reservámos o mais bello quinhão ao nosso amigo.

Géraldin era um bravo rapagão de cêrca de trinta e cinco annos, de physico agradavel, com a sua tez fresca, sua bocca rosea, seus cabellos loiros. Casado com uma estrangeira exaltada, elle era-lhe absolutamente fiel, mas ella, certa que todos os parisienses (elle havia nascido na rua Saint Laurent) são frenéticos galanteadores, perseguia-o com suspeitas injustificaveis. Assim resolvemos, cruelmente, dar um cunho á brincadeira de maior perversidade: com o desvelo que não teriamos dedicado a nenhum fim generoso, ornámos cada photographia com uma dedicatoria voluptuosa:

"A meu Ludovic, graças a quem, conheci o grande frisson, sua Alberta."

"Toda tua, meu bello grandalhão! Tua Didi..."

"Viver toda a vida no azul dos teus beijos, meu Ludovic, eis o meu sonho! Suzette"...

Tal era o tom dessas apostrophes. Não esquecemos tão pouco, de redigir sob o retrato duma loira magra, uma dedicatoria em inglez — e descobrindo de repente forte semelhança entre o rosto dessa mulher e o de uma *vedette* querida do publico, não hesitámos em assignar certas photographias com nomes reputados.

— De pressa, disse um de nós. Géraldin não tarda.

— Está atrazado, disse um outro. No emtanto, é um dos dois dias em que a mulher lhe permitte sahir. A menos que elle não nos pregue uma peça!

Secavamos a tinta da ultima assignatura, quando Géraldin appareceu entre os dois humbraes da porta. Fizemos-lhe os signaes mais amistosos. Elle approximou-se com um ar tristonho e notámos sobre o olho direito, o mais admiravel calombo do mundo...

Emquanto um de nós, muito officioso ajudava-o a

De Henry Falk

[Ti]rar o sobretudo e mettia-lhe no bolso interior, o [env]elope de photographias, os outros o interrogaram [com] affecto:

— Cahiste sobre o olho?...

— Um golpe de ar, talvez?...

— Um torneio entre amadores?...

— Não, respondeu Ludovic, foi minha mulher. Es[ta]vamos hontem no *music-hall*, cocei o nariz, ella pen[so]u que eu fazia um signal á setima *girl* Tonsom. [Em] casa, em meio duma scena terrivel, atirou-se so[bre] mim a vias de facto e como ella sabe *boxer*... [Ahi] stá!... Ah! meus bons amigos, de quando em [quan]do, eu pergunto a mim mesmo si, victima de taes [ul]trages, eu não passaria de repente a justifical-os; [ao] menos Dolorés terá ciume de alguma coisa!... E [no e]ntanto eu amo-a e lhe sou fiel!... Comprehen[der]á ella um dia?...

Com a garganta apertada de emoção, elle bebia [se]u *gin-fizz* aos pequenos goles. Foi o ultimo a che[ga]r e o primeiro a ir-se embora.

— Si chegasse atrazado dez minutos, seria culpado [d]as mais negras trahições!...

[Nó]s lhe desejámos feliz volta á casa, e lastimámos [a]inda que elle partiu, não poder, cada um, como o [di]abo capenga, assistir, invisivel e presente, á scena [q]ue ia se desenvolver entre Ludovic e a mulher, si, por [in]felicidade, fôsse ella a pôr as mãos sobre as photo[gr]aphias...

Com que ansiedade esperámos os dias que se se[gu]iram! — pois Mme. Géraldin prohibiu ao marido [d]e tomar o aperitivo dois dias seguidos...

[F]izeram-se apostas. Uns affirmavam que os jor[na]es não deixariam de relatar um "drama de ciu[m]es"; outros sustentavam que Ludovic, definitiva[me]nte amarrado pela mulher, não poria mais pé no [c]afé; outro ainda, que Dolorés, iria, de pósse das pro[va]s, a algum advogado... Mas ha uma logica da vida [im]permeavel ás deducções dos homens: dois dias de[p]ois vimos chegar-se a nós um Ludovic alegre e quasi [p]retencioso. E como o felicitássemos, mal disfarçando [a] nossa decepção, com a satisfação que elle mani[f]estava:

— Ah! meus bons amigos, disse elle, uma coisa extraordinaria! Imaginem vocês que outra noite — [a] propria noite em que eu vim aqui — Dolorés achou [no] bolso do meu sobretudo uma série de photogra[ph]ias... quasi decotadas...

— Ah! de véras? E então?... dissémos nós a uma.

— E então... ella não me falou logo dessa desco[be]rta. Iamos jantar, esperava á mesa. A creada veio [pre]venir-me que madame chorava, no quarto... Es[pant]ado — porque ella não é de muitas lagrimas — [en]tro e, immediatamente ella agarra-se a mim, solu[ç]ando:

— Ludovic!... Tudo isso, tudo isso, tuas amantes? [E] como eu protestasse:

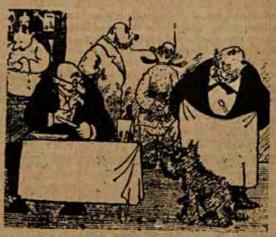
— Não mintas, gritou ella; aqui estão as dedica[to]rias!

Olhei e comprehendi desde logo que, alguem, não [sei] quem, pretendeu pregar-me uma peça. Mas ella [co]ntinuou numa torrente de lagrimas:

— Contra uma só, podia lutar! Mas contra todas é contra estrellas celebres, impossivel! Estou ven[c]ida!... E' poderia tambem enfrentar um marido commum! Mas que póde uma fragil mulher contra don Juan, Lovelace, Casanova?...

Ludovic querido, concede-me ao menos a graça de me considerar a favorita... e todos os dias e todas as noites de minha vida eu te bendirei!

— Eis, meus bons amigos o que me disse Dolorés. Ao ridiculo patusco que pensou lançar sobre mim a ira duma féra, devo a submissão duma escrava. Dolores, de resto submissa, continúa a adorar-me como um deus!

Rimes muito com a historia. Mas, ás escondidas, de nariz no chão, nós nos entreolhavamos preparando sem duvida unanimemente, que ha uma moral immanente do imprevisto logico da vida...

— Por que o seu cachorro olha deste modo o meu prato?
— Porque é nelle que sempre lhe damos a comida.

A INJUSTA

— OS desvarios do coração, os devaneios dos sentidos... a excusa é facil para encobrir as traições e attenuar as faltas. Não, não admitto indelicadezas, nem em questão de amor e muito menos em questões de dinheiro. Não pouso de moralista, aponto as fraquezas humanas, mas ha certos compromissos, certas capitulações de consciencia, certas dissimulações que me parecem indignas do homem ou da mulher. Não comprehendo a indulgencia pelo que é falso, clandestino, hypocrita. A vida deve ser clara, nitida, direita, sem equivocos, sem mentiras. Porque trahir, quando podemos abandonar? Fingir que amamos ainda, quando já não amamos? Continuar casados quando podemos divorciar? Questões de familia? Questões de interesse? Sim, comprehendo bem, mas si essas questões têm tanto valor, devemos sacrificar por ellas, os caprichos sentimentaes ou materiaes. O homem honesto, deve sêl-o em tudo, sem desfallecimento, para com os outros certamente, mas sobretudo para comsigo mesmo, para merecer a propria estima.

Um murmurio de aprovação acolheu essas palavras. Realizava-se um jantar intimo em casa de M. e Mme. Branciade e essas palavras eram pronunciadas no salão de fumar, á hora do café e dos cigarros, por M. Louis Branciade, em pessôa.

Ellas arrematam a discussão que um recente escandalo passional e mundano havia levantado entre os convivas. Todos sabiam que M. Branciade falava de accôrdo com as suas convicções e que a sua vida correspondia perfeitamente ás suas palavras. Nunca ninguem teve occasião de censural-o. Elle gozava de estima e consideração de todos que o conheciam. Era um homem firme, leal, integro e justo — um homem completo. Eram todos unanimes em reconhecer que Mme. Branciade sentia-se feliz de haver esposado um homem como tal.

Foi precisamente no momento do murmurio de approvação, citado acima, que pela primeira vez, depois de cinco annos de casados, inexplicavelmente, uma duvida surgiu no espirito de Mme. Branciade, com relação a seu marido. Que duvida? Mme. Branciade, que se chamava Thereza e que era uma linda mulher, loira, fina, encantadora, sincera e sensivel, perguntava á si propria. Essa duvida, que ella repugnava ter, de que natureza seria? Thereza, duvidaria da perfeição do marido? Ou antes duvidava ella de admirar essa perfeição? Dois actos de fé para ella até aquelle momento funesto.

Perplexa, não podia responder á pergunta. Sabia que duvidava, mais não sabia de quê.

Thereza olhava para M. Branciade como si nunca o houvera visto. Em pé, encostado ao fogão grande, vigoroso, sem exageros no seu smoking bem talhado, o rosto regular, sem dureza nem enfado, cabellos castanhos correctamente penteados, olhos francos, olhar firme mas protector, era de facto um bello especimen masculino da especie humana. E Thereza, depois de cinco annos, poude aperceber-se que o invisivel em M. Branciade era tão bem equilibrado como o visivel, que o sêr moral valia o physico.

M. Branciade era, realmente, sem defeitos. Talvez, em rapazola, tivesse tido, como todo rapaz, tendencias á preguiça, á indisciplina, á colera, á gulodice e á mentira. Soube abandonal-os, de sorte que muito cêdo nenhum vestigio disso subsistia nelle. Não foi, todavia, o aborrecido menino prodigio, tão pouco menino modelo pretencioso. Era vivo como os demais, mas sabia evitar as faltas dos outros. Tal como em adolescente, mais tarde rapaz, soube sempre evitar as abstenções e os excessos. Discretamente, experimentou o amor em aventuras de encontros sem perigo e sem paixões. Depois uma ligação discreta e calma com uma viuva accommodada e meiga, respeitando as apparencias, havia enchido os cinco annos que o separavam da idade — fixada por elle (trinta annos) para se casar. A viuva, que se tornára maternal approv

De Frederic Boutet

Vivamente a escolha quando elle resolveu tomar Thereza como esposa, e de algum modo abençoou-lhes a união.

M. Loius Branciade, deu provas de excellente esposo. Como para com todos, e mais ainda, si possivel, elle havia desenvolvido todas as suas solidas qualidades, com relação á esposa. Era apaixonado, attencioso, fiel, sério, divertido, meigo, energico, constante, generoso, (sem excesso) franco (sem rudeza), razoavel (sem pedanteria). Sim, realmente, Thereza sentia-se feliz de se vêr escolhida por tal homen.

Qual era então o sentimento sacrilego que arrastava de subito Thereza, a discutir o valôr do marido? Porque a joven rapariga perguntava á si mesma, tanta vez, com detestavel espirito critico, si de facto ella teria razão de admirar Loius Branciade e si este senhor, que era seu marido, teria mesmo todas aquellas virtudes?

Quiz em vão, afastar essa idéa, se implantou teimosa, fatigante como uma idéa fixa, para tormento de Thereza.

"Estou louca, dizia por vezes a joven mulher, tentando afastar o pesadelo. Estou louca. Sou perfeitamente feliz. Tenho o melhor dos esposos."

Não chegava a convencer-se. A duvida persistia, tenaz, perseguidora. Loius Branciade, um hypocrita, blasphemia ou verdade?

Thereza agora estudava o marido sem descanço. A preoccupação de saber dominava a sua existencia. Ella queria descobrir o fraco. Esse fraco existia, não podia deixar de existir. Sem duvida o senhor Branciade, parecia inatacavel. Dava, finalmente, aliás sem insistencia e como que por acaso, conta do que fazia durante os dias; mas não seria uma astucia justamente, para que ella nada percebesse? No emtanto elle não tinha nunca mysteriosos compromissos de negocios, ou dessas reuniões á noite, desses jantares a que as mulheres não comparecem...

A idéa fixa de descobrir obsecava Thereza e acabou por arrastal-a a resoluções extranhas.

Tentou surprehender em pessôa um segredo culposo, indo de improviso, ao encontro de M. Branciade, nos escriptorios da usina. Toda vez encontrava-o entregue ao serviço, ora só, ora em companhia duma dactylographa de oculos, secca, angulosa, sem idades, de tez enrugada e avermelhada e cuja desoladora desgraça não podia permittir suppor que algum homem fosse tentado por ella. Thereza reconhecia que M. Branciade não podia commetter alli nenhum deslise. Mas não commetteria em outro logar? Resolveu dirigir-se á uma agencia particular para mandar seguil-o.

Esperou, palpitante, o resultado da pesquiza. Não sabia que sentimentos experimentaria si viésse a saber que o marido a trahia. Sabia apenas que precisava sahir da duvida que a torturava. Era ella ciumenta? Não podia dizel-o, queria conhecer a verdade sobre M. Branciade.

Ao cabo duma semana, teve as primeiras informações. Hora por hora, o emprego do tempo de M. Branciade, alli vinha narrado. Nada. Nenhuma partida, nenhuma visita, que podesse trazer a menor suspeita. E assim durante tres semanas. Thereza, então, fez suspender a vigilancia. Para que prolongal-a? M. Branciade não era culpado. A perfeição de M. Branciade não era uma mentira.

E então, de repente, como que por uma magia, Thereza teve a explicação do que se passava com ella. Comprehendeu que havia desejado ardentemente que o marido fosse culpado porque a perfeição de M. Branciade, essa perfeição infallivel, confiante em si mesma, orgulhosa, havia mezes e annos, exasperava-a, humilhava-a, obsecava-a, á ella que não era perfeita, que era fallivel, que era capaz de faltas... Sim, de faltas... E ella sonhava furiosamente injustas represalias contra esse marido que ella não amava mais porque tinha o defeito de não possuir defeitos.

Aquelle violinista do sobrado...

(Para Gentil Felippe Nery)

SCENA UNICA: *Debruçada em uma janella, fixando os olhos na paizagem exterior, uma jovem fala. Parece ter vinte annos. E' eximia pianista.*

A lua entorna camélias sobre o rico tapete proximo á janella. Sentado em uma confortável poltrona, elle — um poeta — folheia sem interesse, uma revista illustrada. Ouve-a attentamente e, quando em vez, a interrompe, aparteando.

Ao fundo do salão, um piano de cauda apresenta o sorriso das teclas de marfim. E, sobre elle, dorme um violino romantico.

Uma tristeza pungitiva amortalha o ambiente.

— POR que estás assim pensativa, triste?

— Por que? Porque soffro!!

— Soffres? Não m'o digas! Soffrer, quando a mocidade é um grito clarinal de alleluia!

— Alleluia que é bem um funeral... Por mais que me esforce por mascarar a physionomia, ella retrata a tragédia interior...

— Tragédia interior...

— Sim. Agora, que te interessas pelo meu estado, de alma, confessar-te-ei a razão de estar triste.

— Sou todo ouvidos. Vou escutar-te com religiosa attenção.

(Ella volta-se para a poltrona, encostando-se á janella. Fixa seu interlocutor que abandona a revista.)

— Saber-me-ás comprehender... Outros zombariam de mim. Não é paixão o que sinto no peito. Fustiga-me o látego da Saudade. Recordar é sempre doloroso. Vive-se o minuto que passou e deixa o estygma na alma...

Lembras-te daquelle violinista?

— O do sobrado?

— Sim! Aquelle violinista do sobrado...

— ... Lembro-me! Ah!

— Quando elle veiu morar na casa velha e triste, eu habitava um alegre "bungalow". As trepadeiras alongavam seus braços cor de esperança para enlaçar a casa onde morava.

O violinista não trouxe mobilia. Soube que havia inquilino no sobrado junto a minha casa porque, á noite, quando ia dormir, tive a attenção presa a uns sons que desciam de um violino...

— E ficaste escutando...

— ... Fiquei attenta, pois a musica era linda e triste. E o artista podia gabar-se de possuir um temperamento admiravel — senhor dos mais intimos segredos do instrumento... Que musica!...

— Enternecedora?

— Transportava! Fiquei, não sei quanto tempo, escutando. Depois calou-se o violino e adormeci sorrindo...

Todas as noites era assim. A principio, era despertada por essa melodia deliciosa; depois de algum tempo, reagia ao somno e esperava o começo do concerto nocturno...

— E o violinista era bonito?

— Que sei?! Nunca o vi... Ninguem soube dizer quem era. Apenas uma noite (fazia um frio intenso) um accesso de tosse interrompeu o estudo... Tocava elle a serenata de Toselli.

(Um violino executava uns compassos da musica)

— Isso mesmo! Assustei-me. Parecia que o artista era meu irmão, tal a angustia que se apossou de mim...

— Natural, dado o interesse que o violinista anonymo causava...

— Tossiu, tossiu muito... E, essa noite, não vibraram mais aquellas cordas que me arrebatavam...

— Romantica!

— Sim. Romantica por me deixar fascinar pelos sentidos? Quem — como eu artista — não se arrebataria ante o extraordinario violinista? Nunca apreciei temperamento mais refinado que o seu, embora sejam incontaveis os concertos a que assisti...

— Excédes-te!...

— Pura justiça! Confesso-te! Mas o que preciso frisar é a tristeza que anda commigo e oriunda de não ter sabido nunca quem elle era...

— Nunca soubeste?

— Nunca!

— Parece incrivel!...

— Verdade cristallina! Ninguem soube dizer quem elle era. Nunca foi visto... Era mysterioso. Diziam que era um bohemio incorrigivel... que tocava em um café cantante... que era um exilado da politica... um criminoso foragido...

— Horriveis os boatos!

— Mas nunca desfizeram a impressão que ficou em mim...

Uma noite, em que a chuva cahia implacavel, tanta era a harmonia que descia daquelle violino, que fui ao piano e compuz uma valsa em lá menor... Nessa noite cuja memória ainda vive no meu intimo — parecia que elle falava aos meus ouvidos...

— ... A valsa... Tens composto tantas!... Como é? — Lembras-te?

— Lembrar! Quem póde esquecer sensações indescriptiveis? Era assim, a valsa...

(Vae ao piano e executa a valsa.)

— Linda, esta valsa! Que phrases admiraveis! Que sonoridade mystica e arrebatadora!...

— Obrigada! E, nessa noite, os accordes do violino pareciam soluços...

— Romantismo!

— Amargura, dize assim! Elle, um dia desappareceu... Disseram que não pagou o aluguel do sobrado... Outros arriscaram falar que a policia o procurára e elle fugira... Phrases perfidas e intoleraveis. Como soffri! Tão habituada estava aquella musica que era como um vinho divino que me embriagava!

E não ter concreta, na retina, a imagem daquelle homem que me escravizou os sentidos! Não o ter visto nunca; não lhe saber o nome... não ter ouvido uma palavra sahida de seus labios!

— Ha lagrimas rolando dos teus olhos!... Amor-enlevo... Amor-idealista... Esquece!

— Esquecer?! — Como posso esquecer, si o pensamento ideou um typo ao seu sabor e si os soluços do seu violino vibram ainda dentro de minh'alma? Fosse elle quem fosse, deixou-me uma saudade immensa, indefinida, cuja pintura encontro nestes versos doloridos e pungentes:

"... e o silencio... e a saudade e [a dor... Depois...
depois todo o veneno da lembrança
e uma grande distancia entre nós [dois!..."

(Cáe o panno)

PAULA CHAVES

— Tens lido algum livro bom, ultimamente?
— Não. Faz mais de seis mezes que não fico doente.

OS DANSARINOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

— Já mudaram o cadaver de posição? — perguntou Holmes.

— Não tocamos senão na mulher; era impossivel deixal-a cahida no chão, assim ferida.

— Desde quando está aqui, doutor?

— Desde as quatro horas da manhã.

— Está cá mais alguem?

— Sim, senhor, o agente que ficou de guarda.

— Não mexeram em nada?

— Em nada.

— Fizeram bem. Quem o mandou chamar?

— A creada de quarto, Saunders.

— Foi ella quem deu o alarma?

— Ella e a cozinheira, Mistress King.

— Onde estão ellas?

— Julgo que na cozinha.

— Será bom ouvirmos os seus depoimentos.

A velha sala forrada de carvalho de enormes janellas, assumia dahi a pouco o aspecto de um gabinete de instrucção. Holmes sentou-se numa poltrona antiga; os seus olhos prescrutadores brilhavam de anciedade.

Eu lia-lhe no olhar a firme intenção de consagrar a sua vida ao esclarecimento deste mysterio, até ao momento de conseguir vingar a morte do nosso cliente, cuja existencia elle não pudera salvar. O inspector Martin, o velho medico de cabellos brancos, eu e um robusto policia da aldeia constituiamos este estranho grupo.

As duas mulheres fizeram a sua narrativa com toda a clareza; foram despertadas do seu somno por uma detonação, seguida um minuto depois por outra. Dormiam em dois quartos differentes, mas contiguos. Mistress King tinha corrido ao quarto da sua companheira, e desceram a escada juntas. A porta do escriptorio estava aberta, e uma vela acesa sobre e mesa. Seu amo achava-se estendido no meio da casa, de bruços: estava morto. Perto da janella estava estendida sua mulher com a cabeça encostada á parede; uma das faces estava horrivelmente banhada de sangue! Respirava com difficuldade, e não podia falar. O corredor e o quarto estavam cheios de fumo, e de cheiro de polvora. A janella decerto estava fechada por dentro; isto affirmavam ellas positivamente. Mandaram immediatamente prevenir o medico e a policia; depois, com o auxilio do *groom* e do moço da cavallaria, tinham transportado o amo para o seu quarto onde os dois esposos haviam nessa noite partilhado o mesmo leito. Mistress Cubitt estava com o seu vestido de dia; o marido vestia apenas o chambre por cima da roupa de noite. Nada havia desarrumado no gabinete de trabalho. Nunca tinham reparado que existisse qualquer divergencia entre marido e mulher, que consideravam sempre um par muito amigo.

Taes eram as informações dadas pelas creadas. Resultava ainda das suas declarações ao inspector Martin, que as portas estavam fechadas por dentro e que ninguem podia ter fugido de casa. Tinham affirmado a Holmes que lhes tinha cheirado a polvora logo que sahiram dos quartos.

— Chamo a sua attenção em especial para este pormenor — disse Holmes dirigindo-se ao seu collega — e agora é, ao que me parece, occasião de começarmos um minucioso exame ao quarto.

O escriptorio era uma casa guarnecida d'uma bibliotheca que tomava tres lados da parede e uma secretaria em frente d'uma janella dando para o jardim. A nossa attenção foi immediatamente attrahida pelo cadaver do desgraçado Hilton Cubitt, estendido no chão. As suas roupas em desalinho mostravam que tinha sido acordado em sobresalto. O assassino devia estar em frente delle quando lhe deu o tiro, e o projectil, depois de atravessar o coração, não sahira. A morte devia ter sido instantanea; não se lhe viam signaes de polvora nas mãos, nem no chambre, emquanto que, segundo o exame medico, a mulher tinha alguns na cara, mas nenhum nas mãos.

— Esse caso não tem importancia, e o contrario podia explicar tudo — disse Holmes — a não ser um defeito de fabricação na carga, que faça recuar a polvora, pode-se fazer fogo por differentes vezes sem que a polvora deixe vestigios. Agora pode, creio eu, mandar tirar o cadaver. Ainda não extrahiu a bala de Mistress Cubitt, doutor?

— Não, antes que isso se possa fazer, tem que soffrer uma grande operação. Olhe, o revolver ainda tem quatro cargas, só serviram duas, e como ha duas victimas, está certo.

— Sim, talvez; mas como explica o senhor esta terceira bala que se vê bem, bateu nesta janella?

Tinha-se voltado de repente, e com o dedo esguio apontava para um buraco que havia na vidraça a algumas pollegadas do chão.

— Ora essa! — exclamou o inspector — como viu o senhor isso?

— Pela simples razão de que a procurei!

— E' prodigioso! — disse o medico — o senhor Holmes tem razão. Se houve um terceiro tiro, é que com certeza uma terceira pessoa estava presente. Mas quem? E como poude fugir?

— E' o problma que temos que resolver — disse Sherlock Holmes. — Lembra-se inspector Martin, que as creadas afiançaram ter sentido o cheiro da polvora, ao sahir dos seus quartos, e que eu reparei bem a importancia desse pormenor?

— Sim, senhor, mas confesso que eu não o alcançava...

— Pois bem, queria eu dizer que no momento em que os tiros foram dados, a janella e a porta do quarto foram abertas, sem o que o cheiro da polvora não se teria espalhado tão rapidamente por toda a casa; isto só poderia acontecer havendo corrente de ar. Mas a porta e a janella estiveram muito pouco tempo abertas, é esta a minha opinião.

— Como se poderá provar isso?

— Por não ter escorrido a vela.

— Espantoso! exclamou o inspector — espantoso!

— Sendo pois certo que a janella estava aberta na occasião do drama, disse commigo que uma terceira pessoa estava envolvida no caso, que devia estar de fóra, e atirar pela janella aberta. Um tiro dado do interior sobre essa pessoa deve ter feito o furo na janella. Vi, e confirmei que as minhas suspeitas eram exactas.

— Mas então como se encontrou a janella fechada por dentro?

— A primeira idéia da mulher, foi com certeza fechal-a; mas que vejo?

Em cima da secretaria achava-se um elegante sacco de mão de pelle de crocodilo com fechos de prata. Holmes abriu-o e tirou o que lá estava: vinte notas do banco d'Inglaterra de cincoenta libras esterlinas cada uma, num maço preso com um elastico.

— E' necessario guardar isto como documento comprobativo — disse Holmes entregando ao inspector o sacco e as notas. — E agora tratemos de fazer luz sobre este terceiro tiro, que evidentemente, pelo aspecto do caixilho da janella foi dado do interior. Estimava ouvir de novo a cozinheira Mistress King!

— A senhora declarou — proseguiu elle dirigindo-se-lhe — que acordou com a bulha duma violenta detonação. Quiz dizer com isso que a primeira que ouviu, foi mais forte que a segunda?

— E'-me impossivel affirmar isso com exactidão, porque acordei sobresaltada; mas aquella detonação pareceu-me fortissima.

— Não julga que seriam dois tiros ao mesmo tempo?

— Isso é que eu não posso affiançar.

— Deve ter sido... O exame desta sala deu-nos já o que podiamos colher; se quizer inspector Martin, vamos ao jardim a vêr se podemos ali descobrir qualquer novo indicio.

Havia um canteiro de flores por debaixo da janella do escriptorio. Ao aproximarmo-nos, soltamos todos uma exclamação. As flores estavam pisadas, e a terra estava cheia de pegadas de homem, com o bico da bota extremamente comprido e estreito. Holmes revistou toda a relva e folhagem, como um cão que procura uma ave ferida. De repente, soltou um grito de satisfação, e apanhou um pequeno cylindro de cobre.

— Bem dizia eu! — disse elle — o revolver tinha extractor, e aqui está o terceiro cartucho. Julgo, inspector Martin, que estão completas as nossas averiguações.

A cara do inspector denotava um immenso assombro pelas successivas descobertas de mestre Holmes. Ao principio mostrára certas veleidades de se valer de sua posição official, mas dahi por diante estava cheio de admiração, e já disposto a seguir á risca todas as instrucções que Holmes tivesse a condescendencia de lhe dar.

— De quem desconfia? — perguntou elle.

— Lá iremos depois. Ha alguns aspectos deste enigma que ainda lhe não expliquei. Estamos tão adiantados que agora o melhor é deixar-me seguir o meu plano, uma vez por todas, para se elucidar este caso.

— Como quizer, senhor Holmes, comtanto que se apanhe o assassino.

— Não quero dar-me ares de mysterioso mas em plena acção não ha tempo para longas e complicadas explicações. Só lhe digo que está na minha mão todo o fio desta historia, e ainda que esta pobre senhora nunca mais volte a si, poderemos reconstituir os acontecimentos da noite passada, para que se faça justiça. Primeiro que tudo desejo saber se aqui na vizinhança ha uma hospedaria com o nome de Elrige?

Os creados foram interrogados a este respeito. Nenhum delles a conhecia. Apenas o moço da cavallariça se lembrou que havia um rendeiro desse nome, que habitava a algumas milhas na direcção de East Ruston.

— E' uma herdade isolada?

— Muito isolada, sim senhor.

— Talvez ainda lá não chegasse a noticia dos acontecimentos desta noite?

— E' possivel, sim, senhor!

Holmes reflectiu um instante; em seguida passou-lhes pelos labios um singular sorriso.

Tirou da algibeira os papeis nos quaes estavam desenhados os bonecos dansarinos, collocou-os defronte de si sobre a secretária onde se poz a escrever. Por fim deu ao moço a carta, recommendando-lhe que só a entregasse em mão propria, e sobretudo não respondesse ás perguntas que por acaso lhe fizessem.

(Continúa na pagina seguinte)

Reparei no sobrescripto da carta, escripto com uma letra muito irregular, não se parecendo nada com a calligraphia tão nitida de Holmes.

Era dirigida a Mister Abe Slaney, Herdade de Elrige, East Ruston, Norfolk.

— Parece-me, observou Holmes ao inspector Martin, que será bôm requisitar uma escolta pelo telegrapho, porque se não me engano o senhor vae ter que conduzir á prisão do condado um sujeito bem perigoso. O creado que vae levar a minha carta póde levar o seu telegramma; e nós, Watson, se agora ha um trem para Londres, podemos tomal-o; tenho uma analyse chimica muito interessante para acabar, e este inquerito está quasi concluido.

Quando o rapaz partiu com a carta, o meu companheiro deu as suas instrucções aos creados:

— Se alguem viesse procurar o sr. Hilton Cubitt, era indispensavel que não se lhe désse a saber o seu estado, e que o conduzissem directamente á sala.

Insistiu especialmente neste ponto.

Finalmente subiu á sala, declarando que estava terminada a sua missão, e que agora só tinhamos que nos distrahir emquanto se esperava o desenlace.

O doutor já tinha sahido para ver os seus doentes, e eu, fiquei só com Sherlock e o inspector.

— Espero fazer-lhes passar uma hora muito interessante e instructiva, disse Holmes sentando-se ao pé da mesa, e collocando na sua frente os desenhos dos bonecos. A você amigo Watson, tenho que pedir mil desculpas de não ter satisfeito ha mais tempo a sua natural curiosidade. A minha narrativa terá para o inspector uma grande utilidade sob o ponto de vista profissional. Primeiramente, desejo dar-lhe a saber as circumstancias especiaes em virtude das quaes o senhor Hilton Cubitt me veiu visitar, em Baker Street.

Contou resumidamente como tudo se passara na minha frente.

— Tenho aqui, continuou elle, estas producções extraordinarias que nos fariam sorrir se não fossem o preludio deste horrivel drama. Conheço muito todo o genero de cifras; escrevi até um pequeno livro sobre o assumpto, no qual analysei cento e cincoenta processos de cifras differentes; entretanto, confesso que este era inteiramente novo para mim. O objectivo de quem inventou este systema era sem duvida o desviar a idéa de que se applicava a uma missiva, e antes, fazer suppôr que estas figuras ou signaes eram desenhos de creanças. Imaginando comtudo que elles correspondiam ás letras do alphabeto appliquei as regras que permittem a decifração de cifras, e a solução não foi muito difficil. A primeira missiva que me chegou ás mãos era tão curta, que não me foi possivel achar senão a significação do signal.

Como talvez saiba a letra E é a mais frequentemente usada, do alphabeto inglez, e o seu predominio é tão marcado, que mais facilmente se encontra nas mais curtas phrases; ora, dos quinze signaes que compunham a primeira missiva, cinco eram eguaes; era pois natural chegar á conclusão que correspondiam á letra E.

E' verdade que o boneco umas vezes trazia uma bandeira, outras não; mas pela maneira porque estavam dispostas as bandeiras cheguei á convicção que só eram empregadas para separar as palavras nas phrases.

Emitti pois a hypothese de que a letra E era representado pelo signal.

Apresentou-se-me então a maior difficuldade. Depois do E a ordem da applicação das letras é pouco acentuada no inglez, e o predominio de algumas que apparecem numa pagina inteira, pode ser em absoluto modificado numa phrase pequena.

Vulgarmente a ordem da applicação das letras é numericamente assim:

T-A-O-I-N-S-H-R-D e L

mas T-A-O e I podem considerar-se eguaes. Daria um enorme trabalho experimentar cada combinação até conseguir a significação exacta.

Esperei pois por outra experiencia. Na sua visita, o sr. Hilton Cubitt trouxe-me duas phrases pequenas e uma missiva que não trazendo bandeira me pareceu ser uma palavra só.

Vejam ainda estes signaes. Nesta palavra achei dois E, que são a segunda e a quarta letra de uma palavra que só tem cinco, que podia ser *sever* (1) ou *lever* (2) *never* (3). Sem duvida que a ultima destas palavras, sendo resposta a uma phrase, era a verdadeira, e as circumstancias levaram-me a pensar que era uma resposta escripta pela mulher de Cubitt.

Partindo deste principio, tive a certeza que os signaes correspondiam ás letras N-V-R.

"A difficuldade ainda não estava de todo vencida. Uma feliz idéa me fez descobrir outras letras. Lembrei-me que estas perguntas viriam de alguem que noutro tempo tivesse tido relações de intimidade com aquella senhora, e que portanto, se eu descobrisse uma palavra com dois E separados por um grupo de tres letras, esta palavra podia corresponder a "Elsie", nome proprio della.

Achei que esta combinação terminava a phrase de tres maneiras differentes. Era talvez uma provocação ou appello dirigido a Elsie.

Obtive assim as letras L-S e I.

---

(1) Romper.
(2) Alavanca.
(3) Nunca.

(Continua no proximo numero).

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ..... 65$000
Semestre (26 ») ..... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ..... 60$000
Semestre (26 ») ..... 35$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ..... 95$000
Semestre (26 ») ..... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

O NATAL ESTA' AHI!

Antes de escolher o seu presente lembre-se que o

RADIO VICTOR

E' um presente para a familia inteira; é um presente que faz sempre lembrado quem o deu; é um presente que serve não para uma só época festiva, mas que torna festivos todos os momentos da existencia.

SUPERETTE

RADIOLETTE

Visite-nos hoje, e faça a sua escolha!

VENDEMOS A VISTA, OU A PRESTAÇÕES SEM AUGMENTO DE PREÇO OU AINDA NO **CHRISTOPH CLUB** COM DIREITO A DOIS SORTEIOS SEMANAES.

A' venda no Rio:

CASA CHRISTOPH, Ouvidor, 98
A MELODIA, Gonçalves Dias, 40
Casa Arthur Napoleão, Av. R. Branco, 122

A' venda em S. Paulo:

CASA CHRISTOPH, S. Bento, 25
CASA BEETHOVEN, Direita, 25

OU NAS OUTRAS BÔAS CASAS DO RAMO